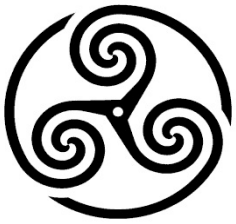
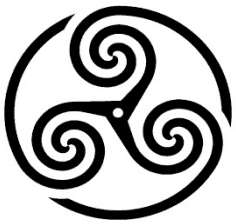

CATIVAS DO BERSERKER
NILSA
MARGOTTE CHANNING

NILSA

(Cativas do Berserker 04)

Margotte Channing





SINOPSE

Ilha do Gotland, Suécia, Ano 1120.

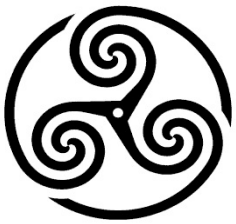
Rognvald não pode mais conter o berserker[1], chegou a se transformar na casa de seus pais, por isso deveria sair dali, para não os colocar em perigo. Sem esperança de encontrar a sua alma gêmea, sua companheira, foge à casa de seu irmão Gunnar, para que ele cumpra com a promessa que fizeram quando eram crianças. Que, se algum dos dois se transformasse em um monstro, por causa da maldição, um acabaria com a vida do outro.

Mas ao chegar lá, encontra à mulher que lhe está destinada desde antes de nascer, e sua besta interior, ruge, exigindo a posse, seus olhos mudam de cor, e suas mãos se transformam em garras…

Nilsa perdeu a fala ainda muito pequena, mas não tem problemas para se comunicar com outros. É feliz trabalhando na cozinha do castelo de Gunnar e Lynnae. Então ele chega, e tudo muda, porque ela, apesar do medo que aquele gigante lhe

causa, sente-se unida a ele de uma forma que não é capaz de entender.

Quando seu pior pesadelo se torna realidade, e os fantasmas do passado voltam a cobrar vida, descobre que o homem que mais temia, é o que mais a protegerá, e que sua união está decidida pelo destino, desde o início dos tempos.



CAPÍTULO I

Erik estava certo de que os deuses, nos quais não acreditava muito, estavam rindo dele. Era a segunda vez que passava pela mesma coisa com um de seus filhos, mas não estava disposto a cometer o mesmo engano duas vezes. Sim, ele aprendia com seus equívocos. Observou sua amada Yvette que, a seu lado, chorava silenciosamente com o olhar baixo. Não era próprio dela. Sentia que não lhe contaram toda a verdade, a não ser, que sua esposa esteve tentando convencer Rognvald, para que não fosse para longe de sua família.

Olhou os serviçais que se moviam pelo salão, recolhendo os restos do jantar, e ordenou que saíssem. Não queria testemunhas para aquela conversa. Uma vez fechada a porta, voltou-se para seu filho e assinalou o assento livre que havia a seu lado.

— Filho, sente-se, por favor — tomou a mão de sua esposa e a beijou na palma, assim lhe dizia que a amava, e que o faria sempre. Era um homem de poucas palavras, mas sua Yvette sabia interpretar seus gestos perfeitamente.

Olhou outra vez para seu filho, ele não parecia zangado, ao contrário de Gunnar, quando se foi, anos antes. Rognvald, entretanto, demostrava o olhar mais triste que ele já havia visto. Devia ter poderosas razões para partir, porque ele sempre gostara de viver na granja com eles. Erik sempre pensou que a mulher pela qual ele se apaixonasse teria que vir para buscá-lo.

Rognvald sentou-se depois de alguns segundos de indecisão, era como se temesse que ele o convencesse. Erik manteve o tom de voz tranquilo, não queria que ocorresse o mesmo que com Gunnar, cujo aborrecimento provocara que não se falassem durante anos.

— Filho o que lhe acontece? — Seu filho caçula afastou o olhar, e ele observou o cabelo loiro e os olhos azuis, que lhe recordavam sempre os de sua própria mãe. Uma escrava violada por um conde estrangeiro, de quem ele mesmo escapou assim que conseguiu. Voltou a olhar à esposa.

— Yvette, diga-me o que acontece aqui, tenho direito de saber o que é, — viu-a mordendo-os lábios. Ainda mantinha aquele costume, igual à quando a conheceu, e a raptou. Continuava usando uma selvagem cabeleira negra, já salpicada por algumas mechas alvas, e os olhos violetas que o arrebataram assim que os viu pela primeira vez, e que, agora, transmitiram-lhe desespero. Mas Yvette não podia lhe contar nada, seu filho deveria falar.

— Rognvald, por favor, fale com seu pai, não tem nada do que se envergonhar, não é sua culpa. Quem dera pudéssemos fazer algo...— calou-se antes de dizer muito, não correspondia

a ela fazê-lo. Seu filho não queria dar esse desgosto a seu pai, mas não havia mais remédio.

Rognvald olhou os dois, e assentiu, respirando fundo. Sabia que seu pai não admitiria sua verdadeira decisão, então não lhe contou toda a verdade.

— Pai, faz várias semanas que não estou bem, — Erik apertou a mandíbula, sabia o que ele iria dizer. Esperou não escutar aquelas palavras de nenhum de seus filhos, mas a vida era terrível em muitas ocasiões, e ele fora muito afortunado durante muitos anos. Ele apertou a mandíbula, preparado para o pior, — tive vários… episódios de loucura, o berserker é muito forte em mim, e não pude me controlar. Em um deles, voltei do bosque sem o cavalo, cheio de sangue — olhou para Erik com medo nos olhos — acredito que matei um animal, mas não me lembro do que aconteceu. Na seguinte ocasião, mamãe me encontrou no corredor, eu grunhia como uma besta selvagem, e meus olhos e voz estavam mudados. Você melhor que ninguém, sabe o que significa — seu pai abriu os olhos assombrado, não conhecia nenhum caso de transformação que tivesse sido tão repentino.

Yvette havia estendido a mão, havia pego a de Rognvald apertando-a, apesar de que sua mão era a metade de tamanho que a de seu filho, a quem ela tentava consolar.

Erik, afundou os ombros, havia somente uma solução para o que estava acontecendo, encontrar sua companheira, sua alma gêmea. Mas enquanto isso, seu filho podia se transformar em um monstro. Então sim entendeu que ele queria ir.

— O que você quer fazer? — Rognvald olhou para seu pai e lhe sorriu, não queria que sofressem por ele.

— Preciso ir pai, aqui há muita gente. Posso ferir ou matar alguém sem querer, e se fosse algum de vocês, não me perdoaria por isso. Pensei em visitar Gunnar. Quando fomos vê-lo, pareceu-me uma ilha bastante solitária, e ele pode me ajudar — pareceu-lhe uma boa desculpa. Erik olhou-o nos olhos, e viu algo neles que o fez com que apertasse os dentes, mas não disse nada. Entendia os motivos de seu filho, embora lhe fizessem sangrar por dentro. Ele também não permaneceria junto de sua família, naquelas circunstâncias.

— Entendo-o filho, entendo-o — olhou para sua mulher, que lhe sorriu chorosa. Sua maravilhosa e valente esposa. Que afortunado ele fora ao encontrá-la!

— Quando quer sair?

— Amanhã mesmo, mas quero que os homens que me acompanharem voltem todos com o navio. Eu ficarei sozinho lá, não quero ninguém perto — seu pai abriu a boca para protestar, não podia enviar nenhum de seus filhos desprotegido ou sem ajuda para outras terras do outro lado do mar. Mas Rognvald insistiu, até que conseguiu que ele cedesse.

Quando entraram em acordo, levantaram-se para começar a preparar a saída, restava muito para fazer, e muito pouco tempo.

****

Gunnar estava farto de posar para o dito busto, o que lhe interessava, que houvesse uma escultura com seu rosto na

casa?

Mas para Lynnae sim importava, queria um busto dele, e Gunnar querendo que ela fosse feliz, posava todos os dias uma hora para o dito busto. Era patético, e ele sabia.

Sua esposa voltou a arrumar-lhe o rosto pela quarta vez, para que estivesse na mesma posição, com um sorriso, e lhe disse:

— Por favor Gunnar, faça por mim, quando vierem as crianças não terei tempo de esculpir. Quero lhe fazer este presente, e que todo mundo, quando formos velhos, veja o quanto você foi bonito, sempre — Gunnar a olhou divertido, somente ela podia achá-lo bonito, apesar da terrível queimadura que deformava a metade de sua face. Mas para sua mulher, era como se essa deformidade não existisse.

— Perdoe-me, senhor — os dois se voltaram para o soldado que lhes interrompia, Gunnar se levantou para aproximar-se dele.

— Ocorre algo?

— Aproxima-se um cavaleiro, está a ponto de chegar ao portão. — Gunnar assentiu, agarrou sua espada, e beijou na bochecha a sua mulher, dizendo-lhe:

— Espere aqui, — Lynnae se adiantou para ir com ele, mas ele levantou uma mão e negou com a cabeça. Primeiro precisava ter certeza de que não havia nenhum perigo.

Ao princípio, pela distância, não o reconheceu, mas, assim que conseguiu ver sua cabeça e a postura dos ombros, soube que era seu irmão. Com aquele que mais havia brigado, rido e cavalgado na casa de seus pais, não conseguiu evitar que um

sorriso enorme lhe cruzasse a face, enquanto esperava que chegasse junto a ele. Rognvald finalmente viera visitá-los!

****

Rognvald respirou profundamente um pouco mais tranquilo, ele conseguira se conter, sem atacar ninguém, durante a travessia e já havia chegado às terras de seu irmão. Se fosse necessário, ele poderia prendê-lo. Na visita anterior, ele vira as masmorras nos porões do castelo. Desceu do cavalo, e sorriu, pela primeira vez em semanas, alegre de ver seu irmão mais querido. Abraçaram-se com força, e em silêncio. Gunnar, ao qual sempre estivera muito unido, afastou-se dele, e observou sua face, receoso. Franziu o cenho preocupado, sempre soube quando lhe acontecia algo.

— Venha, vamos para dentro, tenho certeza de que tem muitas coisas para falar — ele assentiu, embora estivesse muito cansado. Estava há vários dias sem dormir bem, com medo de se transformar em pleno sono.

****

Lynnae estava esperando-os na entrada, e se abraçou a seu cunhado muito contente, sabendo a felicidade que traria a seu marido aquela visita. Rognvald sorriu divertido, ao ver sua cunhada revoar pelo corredor, dando ordens para que preparassem seu aposento, e algo para comer.

— Sua mulher, a seu lado, parece uma fada, ela é tão pequena — Gunnar observou sua esposa orgulhoso de sua

beleza, era loira, com os olhos marrom, ao contrário dele, que igual a sua mãe possuía o cabelo negro e os olhos violeta.

Nilsa, a ajudante da cozinha, devia trazer ao convidado uma bacia com água, sabão e uma toalha, um antigo costume, para mostrar cortesia a um convidado, e lhe dar as boas-vindas. Rognvald, esgotado, lavou as mãos de pó do caminho, e se secou, deixando a toalha nas mãos daquela mulher. Roçou seus dedos ao fazê-lo, e franziu o cenho, havia sentido uma chispada em seu interior. Olhou-a, mas ela mantinha o olhar baixo, e se foi tão silenciosamente como viera.

— Quem é ela? — Gunnar a olhou sorridente.

— É Nilsa, desgraçadamente é muda, ela e Lynnae são boas amigas.

Ele assentiu e continuou olhando para o corredor, por onde ela havia desaparecido. Era uma moça alta e magra, com o cabelo castanho, mas ele não conseguira ver seu rosto. Havia sentido algo estranho quando seus dedos a roçaram, notou que os olhos se fechavam sem querer, não era capaz de pensar em nada agora. Precisava dormir.

— Parece cansado, sei que quer falar, mas acredito que a primeira coisa a fazer é comer algo e se deitar. Depois falaremos, se você quiser — Rognvald assentiu.

— Estou esgotado, não dormi quase nada desde que saímos. Se não se importar irmão, prefiro ir diretamente à cama, embora eu gostaria de tomar um banho antes.

— É claro, acompanhe-me — Gunnar se orgulhava de ter modernizado o castelo. Entre outras coisas, havia um aposento para banho, — só preciso mandar trazer os baldes com água.

— A banheira sempre estava preparada, assim como sabão, toalhas, e todo o necessário para ter um bom banho. Deixou Rognvald ali, enquanto ele mesmo ia à cozinha buscar um par de baldes, já que a maioria dos criados estavam no campo recolhendo a colheita. Rognvald quando o viu trazendo água, acompanhou-o para buscar mais, e os dois encheram a banheira. Gunnar lhe deu uma palmada no ombro, e saiu para deixar que se banhasse à vontade.

— Leve o tempo que precisar, espero-lhe no salão que há junto à entrada — seu irmão assentiu, começando a se despir.

Quando entrou no salão, um momento depois, havia um prato de comida quente, esperando-o junto ao fogo. Apesar do que havia dito, devorou-o com vontade. Depois, Gunnar o acompanhou a seu aposento, como sempre, entendia-lhe melhor que ninguém.

Lynnae ao voltar da cozinha, encontrou o seu marido no salão, sentado, uma taça de hidromel na mão, com o olhar perdido. Aproximou-se dele preocupada:

— O que houve? — Ele sorriu triste, seus olhos viram algo, que nunca gostaria de ter visto.

— Meu irmão não quer continuar lutando, conheço-o bem. Sempre sabíamos o que o outro pensava. Assim que vi seus olhos, soube. Sua visita não é para saber como estamos, nem para passar alguns dias conosco. É algo pior — deu um gole à bebida. Sua esposa lhe agarrou a mão e a beijou. Ele puxou-a sentando-a em seu regaço, abraçando-a com força, e escondendo o rosto em seu pescoço. Lynnae o abraçou, acariciando sua nuca, tentando fazer com que se acalmasse,

sabia quanto ele amava Rognvald.

— Amo você Gunnar, — ela sussurrou em seu ouvido — aconteça o que acontecer estarei a seu lado, sempre. — Ele assentiu respirando o aroma em seu pescoço, permaneceram assim por um longo momento.

****

Rognvald despertou sentindo que havia passado várias horas dormindo. Sentia o corpo gelado, estava despido, embora não recordasse de tê-lo feito. Sentou-se na cama, e apoiou um momento, a cabeça nas mãos, olhando o chão. Não podia continuar assim, era impossível. Precisava falar com Gunnar. Suas tripas interromperam suas reflexões, pedindo comida, por isso ele se levantou.

Quando estava vestido saiu para o salão, mas escutou alguns ruídos a sua esquerda, e seguindo um impulso, mudou de rumo. Era a cozinha, e ali estava a garota que lhe levara a água no dia anterior. Entrou sem fazer ruído, queria ver bem seu rosto, precisava fazê-lo. Sentiu algo parecido a um batimento de coração, crescer dentro dele, ao se aproximar dela.

Nilsa remexia a papa do café da manhã. Seren, a cozinheira, fora procurar algumas ervas, e lhe havia dito que não parasse de fazê-lo, para que não queimasse. Estava fazendo, quando notou como lhe agarravam pela trança por trás. Voltou-se e viu o irmão gigante de Gunnar, que a olhava como se nunca tivesse visto uma moça.

Ele enrolou a trança no punho e a atraiu para seu corpo,

Nilsa tentou, entre ofegos, que ele soltasse seu cabelo, mas não conseguiu. Cada vez a aproximava mais, até que seus corpos estiveram pegos, então, ele soltou seu cabelo para enlaçá-la pelo corpo, e a observou. Seu semblante era sério, sua pele muito branca e seus olhos eram de cor mel.

— Quem é você? — Ela negou com a cabeça, para lhe dizer que não podia falar. Mas a ele não pareceu se importar, baixou a cabeça e lhe lambeu os lábios. Ela começou a tremer e empurrou seu peito com as mãos para afastar-se, mas não conseguiu, ele era muito forte.

Rognvald sentiu que se excitava só com seu aroma, aproximou seu nariz à testa da moça e a cheirou, continuou fazendo aquilo por seu cabelo, e baixou até seu pescoço. Na união entre seu pescoço e seu ombro, voltou a lambê-la, era tão deliciosa que a mordeu, ao princípio brandamente, depois mais forte, até lhe deixar marcados os dentes. Ela gemeu, e ele levantou a cabeça surpreso, ao escutar sua voz porque acreditava que ela fosse muda, então foram interrompidos.

— Senhor, perdoe-me — Seren olhava-os assombrada, também notou que Nilsa não lutava para se separar, pelo menos nesse momento.

Rognvald afastou-se dela bruscamente, como se tivesse despertado de um sonho, e olhou-a por uma última vez antes de partir, com uma promessa nos ardentes olhos azuis. Depois se foi.

Seren se aproximou de Nilsa e começou a lhe perguntar o que havia acontecido, mas a moça não quis responder a nenhuma de suas perguntas. Ela mesmo não entendia o que

havia acontecido.

****

Gunnar ria das tentativas que sua esposa fazia, de montar armadilhas jogando xadrez, já que, sem armadilhas, ela mesmo reconhecia, que não poderia ganhar. De canto de olho viu seu irmão na entrada esperando, e lhe fez um gesto.

— Venha Rognvald, acreditávamos que você não despertaria nunca! — Lynnae sorriu para seu cunhado quando ele chegou junto deles, e levantou da cadeira dizendo:

— Sente-se por favor, dormiu muitas horas, certamente estará faminto, trarei algo, — desapareceu na cozinha, trouxe o prato e depois se foi. Acreditava que os dois irmãos falariam melhor a sós. Rognvald esperou que ela se fosse antes de falar para Gunnar.

— Irmão me fale de Nilsa. — Seu irmão olhou-o estranhando, não esperava que aquela moça chamasse a atenção dele. Era bonita, mas à maioria dos homens, certamente por sua mudez, passava despercebida.

— Não sabemos muito de sua vida anterior, somente que é uma boa garota, e que, não fala. — Rognvald assentiu, ainda com as vísceras cheias daquele fogo, que havia sentido junto dela. Não se lembrava de ter sentido nada parecido, mas era verdade que, com o berserker em semelhante estado, seus sentimentos não eram de muita confiança. Seu irmão continuou falando.

— Ah, e algo importante, um de meus soldados, Oleg, um bom homem, é viúvo e com dois filhos a quer.

— Ela é muito jovem para se casar. — Rognvald, irracionalmente, sentiu-se ofendido ao saber, que ela estava flertando com outro homem.

Gunnar o olhou assombrado, mas não soube o que responder. Com a idade de Nilsa, as mulheres já haviam se casado, e por ocasiões, possuíam até dois ou três filhos.

Rognvald ficou olhando o fogo, apesar de que ainda fosse verão, no castelo fazia frio.

— Tome, aqui o tem — Lynnae havia lhe trazido um prato de guisado, pão, bebida, e uma colher, e deixou tudo em frente a ele, junto com uma parte de tecido. Rognvald sorriu ao ver o guardanapo, sua mãe os havia ensinado, desde pequenos, a se limpar enquanto comiam e ao terminar. Pelo visto, a mulher de seu irmão era igual. Era uma prática que não era comum entre os vikings.

— Sente-se conosco, por favor. — Sentir-se-ia mal se sua amável cunhada se retirasse por causa de sua presença.

— Não se preocupe, de verdade, vou fofocar com Nilsa e com Seren, quase nunca posso fazer isso por culpa de seu irmão. — Mostrou a língua para seu marido zombeteiramente, e desapareceu. Rognvald ficou olhando o rosto apaixonado de seu irmão.

— Teve sorte. — Disse-lhe antes de meter uma colherada na boca. Apesar de suas terríveis circunstâncias, sentia fome. Seu irmão confirmou com a cabeça e olhou-o. Ao fazê-lo, o sorriso se apagou de sua face.

Esperou que seu irmão comesse. Enquanto, ambos falavam de coisas que não interessavam a nenhum dos dois.

Nilsa veio por um momento para levar as coisas, e ficou um pouco afastada sem se atrever a se aproximar. Então, Rognvald olhou-a, e quando o fez, ela se ruborizou e baixou os olhos, e ele sentiu que se excitava como nunca. Remexeu-se incômodo na cadeira, sem poder acreditar quão ruim estava da cabeça. Com uma pobre garota, que era pouco mais do que uma menina…

— Nilsa, venha, pode recolher se quiser, — seu irmão falava como se ela pudesse entendê-lo. Esperou que ela se fosse, para perguntar:

— Fala com ela como se ela pudesse ouvi-lo — Gunnar riu, como se fosse uma brincadeira antiga.

— Com todos acontece o mesmo, ela é muda, mas não surda. De fato, disse-me Seren, a cozinheira, que, em algumas ocasiões, escutou-a dizer algo, às vezes dá pequenos gritos…— encolheu os ombros, não possuía nada contra Nilsa, mas quem se interessava era seu irmão.

— E agora, conte-me o que houve, deve ser grave para ter saído de Brattahild. Sempre pensei que ficaria por lá, possivelmente em outra granja próxima quando formasse uma família… — seu irmão voltou a olhar o fogo, até que começou a falar.

— Faz tempo que, em meu interior, balança a escuridão, já sabe o que é. — Gunnar assentiu, e se inclinou à frente preocupado, ele mesmo a sentira chegar até encontrar sua Lynnae.

— Continue.

— Há semanas, faço coisas que depois não me lembro, e

enquanto as faço, o *berserker* é quem possui meu corpo, tenho certeza. — Seu irmão empalideceu, e seu rosto tenso evidenciava a preocupação que sentia.

— Que coisas?

— Não sei, uma vez a mãe me encontrou grunhindo como um animal, e meio transformado. — Seu irmão fez cara de assombro, nenhum de seus irmãos, nem seu pai sequer, chegaram a se transformar, — e outra, voltei do bosque cheio de sangue, sem armas, devo ter matado um animal com minhas mãos. — Gunnar voltou a assentir, preocupado.

— Entendo, e por dentro como se sente? — Rognvald encolheu os ombros.

— Cada dia estou mais convencido de que não conseguirei, e de que terão que me matar depois de eu ter matado alguém, por isso sai da casa de nossos pais. Não suportaria machucá-los, ou que vissem no que me estou transformando. Preciso de sua ajuda.

— Não! — Ele negou com a cabeça, — não pode me pedir isso!

— Gunnar, por favor, é minha última esperança. — Ele suplicou.

— Não! Não o farei irmão. — Levantou-se e ficou junto ao fogo, olhando-o de frente, com os braços cruzados e o cenho franzido.

— Prometemos, dissemos que, se qualquer dos dois precisasse, o outro o ajudaria a morrer, — mas Gunnar continuava negando com a cabeça.

— Foi uma promessa estúpida de dois meninos que não

sabiam o que era a vida.

— Eu não penso assim. — Rongvald voltou a abrir a boca para replicar, mas Gunnar voltou a se sentar e levantou sua mão

— Irmão, sempre confiou em meu dom com as runas, não é verdade? — O outro assentiu.

— Bem, deixe-me jogá-las, não noto em você tanta escuridão como diz sentir dentro de você. Sim eu notei que cresceu, mas ainda há solução.

— Está bem, mas não pode mentir.

— De acordo, — levantou-se para pegar suas runas preferidas, esculpidas por Lynnae.

Levou o saquinho à mesa, e as derrubou, removeu-as e realizou uma primeira tiragem. O que viu não gostou, parecia dar razão a seu irmão, mas realizou três, como fazia sempre. Ficou pensativo um momento, enquanto as imagens passavam por sua cabeça.

— E então? — Seu irmão o olhou, muito sério.

— É verdade que a escuridão avançou e é perigosa, mas há esperança, embora tenha que lutar para conseguir que ela seja sua. Há uma dificuldade grande entre vocês, embora eu não saiba qual é.

— Ela? — Gunnar assentiu.

— Sua alma gêmea existe. — Rognvald arregalou os olhos, — e está perto. Deve esperar, a encontrará, mas tenha a mente aberta. Deverá lutar por ela, acredito... — hesitou antes de continuar, e voltou a olhar as pedras, suaves e brilhantes — acredito que ela está em um grande perigo.

Rognvald se jogou para trás na cadeira atônito, não esperava aquelas palavras.

— Mas não posso ficar aqui... há muita gente, — Gunnar assentiu, entendia-o perfeitamente, pensou alguns instantes.

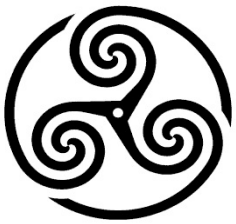
— Tenho terras no centro da ilha, estão desabitadas, exceto por um monastério de monges cistercienses[2] que tenho certeza de que não o incomodarão. Há uma casa, uma cervejaria abandonada, e um armazém. E um rio que cruza a área, além de abundante caça no bosque. Interessa?

Estando sozinho, não podia fazer mal a ninguém, podia ser a solução, pelo menos, no momento, assentiu lentamente.

— Precisa dar-me alguns dias para que eu prepare tudo, quer levar algum criado?

— Está louco? Vou sozinho, e como se chama aquele sítio?

— Roma, — Gunnar sorriu, porque ele fizera a mesma cara, quando lhe disseram o nome daquele lugar abandonado, que lhe pertencia.



CAPÍTULO II

Nilsa despertou, em sua cama, com ruído de uma porta ao ser fechada, seu coração começou a pulsar depressa, e ela se levantou para ver quem era. Não encontrou ninguém no corredor, e foi à cozinha onde sempre havia um balde de água, para beber um copo. Estava ainda bebendo, de camisola, sem sapatos e tremendo de frio por causa das pedras do chão, quando escutou um ruído. Do susto deixou cair o copo ao chão, desde que era menina era muito medrosa.

— Olá Nilsa, fique tranquila. — Era o estrangeiro, o irmão de Gunnar, que caminhava para ela. Afastou-se do caminho dele, atemorizada, e pisou nos vidros, soltando um gemido baixinho. Ele viu, e a agarrou nos braços rapidamente, sentando-a na mesa da cozinha.

— Fique aqui um momento, — ela estava tremendo, embora não pelo frio, mas sim porque não queria estar a sós com aquele homem, ele a fazia sentir coisas que não havia sentido antes.

Rognvald agarrou um trapo da cozinha, e molhou no balde

de água para limpar a ferida, e o passou sobre o pé de Nilsa, que manteve em sua mão. Depois, sentou-se em frente a ela. Nilsa deve ter puxado o pé, inconscientemente.

— Fique quieta, por favor, quero somente tirar o vidro, — olhou-a um momento, mas em seguida voltou sua atenção à ferida, de onde retirou o pedaço rapidamente. Ela, apesar da rapidez, sentiu dor, mas não se queixou, ele terminou de limpar a ferida, e a enfaixou com o trapo úmido.

— De momento aguentará, eu a levarei ao seu aposento. — Ela negou com a cabeça, e tentou descer para ir sozinha. Não queria que ele voltasse a agarrá-la nos braços, mas ele não lhe deu atenção e carregando-a novamente, perguntou-lhe:

— Por onde? — Ela assinalou o corredor da direita, a última porta era a sua. A primeira, era de Seren, a cozinheira.

— Tem frio? — Estava preocupado em como ela tremia, ela negou com a cabeça, desejando que se fosse e a deixasse sozinha. Rognvald fez com que ela deslizasse brandamente até o chão, para que não machucasse mais o pé.

— Deite-se, direi a meu irmão o que lhe aconteceu, e que não pode trabalhar. — Nilsa negou com a cabeça para que ele não dissesse nada, ele então se fixou em seu cabelo solto, e agarrou uma mecha entre seus dedos. À luz da vela, parecia acobreado e dourado, não o castanho que se via quando ela usava a trança. Era sedoso e deslizava por sua mão, como se tivesse vida própria.

— É lindo, — ela aumentou os olhos, assustada ao escutá-lo, e tentou jogar-se para trás. Ele a segurou, zangado, porque ela havia apoiado o pé, e ele voltara a sangrar. — Não faça isso!

Está se machucando! — Nilsa não suportou mais a tensão, e rompeu a chorar.

Rognvald não entendia nada, mas não podia escutá-la chorar, por isso se sentou na cama, e a colocou em cima de suas pernas. Ela lutou durante alguns segundos, mas, apesar de ser uma mulher alta, não era rival à estatura e a fortaleza dele. Finalmente parou de lutar, principalmente porque ele prendera suas mãos com uma das dele, e com a outra a abraçava para uni-la a seu corpo,

— Não chore Nilsa, comigo você está a salvo. Não deve temer, — em nenhum momento tinha pensado em dizer aquelas palavras, não sabia de onde haviam saído. — Sinto que alguém a machucou muito, eu gostaria que algum dia confiasse em mim o suficiente para me contar.

Ela ficou rígida um momento para ouvi-lo, e a seguir, continuou chorando com o mesmo abandono de uma menina pequena.

Ele se sentiu em paz pela primeira vez em meses, tendo aquela mulher em seus braços. Aproveitou para inspirar profundamente, para guardar seu aroma nos pulmões. Cheirava a verão, a sol, não sabia que havia alguém que cheirasse assim. Era seu aroma preferido, recordava sua infância, seus jogos no campo com seus irmãos. Aproximou o nariz de seu cocuruto, e inspirou de novo, fechando os olhos e sorrindo. Estiveram alguns minutos assim, até que notou que ela havia parado de chorar, por cansaço certamente, e ficara com a cabeça apoiada em seu ombro.

— Encontra-se melhor? — Ele soltara suas mãos

momentos antes, ao ver que ela já não brigava. Ela assentiu, e ele inclinou a cabeça para conseguir ver seus olhos, mas ela os afastou. — Está bem, agora vai para a cama? — Deixou que se levantasse, e ele fez o mesmo. Então, ela, olhando-o continuamente, porque não confiava nele, meteu-se dentro dos lençóis. Ele se abaixou um pouco, não muito para que ela não voltasse a se assustar.

— Na próxima vez que nos virmos não terá tanto medo de mim, de acordo? Ela hesitou alguns segundos, e depois assentiu. Ele acariciou sua bochecha, notando que estava rígida, certamente esperava que ele a atacasse, — suspirou — e se despediu.

— Adeus Nilsa. — E se foi.

****

Nilsa despertou feliz, porque nesse dia tinha a manhã livre. Como o restante dos serviçais, uma vez por semana estavam livres meio-dia. Oleg viria procurá-la, era a primeira vez que sairiam da fortaleza. Lynnae veio ajudá-la com o cabelo, também queria que vestisse um vestido. Entrelaçou-lhe algumas fitas em suas tranças, e lhe deixou seu espelho para que pudesse se olhar. Nilsa não possuía nenhum, e habitualmente não podia se ver. Sua imagem lembrou-a de sua mãe, era muito parecida com ela. Seu coração doeu um pouco em recordar, fazia muitos anos que estava sozinha. Por isso apreciava tanto qualquer amizade, como a de Lynnae ou a de Oleg. Lynnae a pegou pela mão para levá-la para o salão,

— Vamos, ele a está esperando lá.

****

Rognvald se sentiu obrigado a se controlar para não retorcer o pescoço dele com as mãos. Sabia que era irracional, aquele homem não lhe fizera nada, e não havia por que odiá-lo. Mas o fazia, mais do que tivesse acreditado possível. Gunnar, ao ver seu aspecto, lançava-lhe, de vez em quando, um olhar estranho, e falava com Oleg, o soldado que esperava pela saída de Nilsa.

A moça entrou com Lynnae. Para Rognvald parecia que estava linda, usava um vestido azul que ressaltava sua figura, magra, mas voluptuosa. Penteou-se com duas tranças, como costumavam fazer as garotas solteiras, a excitação tingira de cor suas bochechas, e fazia com que seus olhos faiscassem. Oleg não conseguiu evitar de dizer:

— Nilsa você está muito bonita! — Ela sorriu um pouco envergonhada.

Rognvald se sentiu humilhado, ao vê-la sorrir para aquele homem. Não entendia sua própria reação, mas era o que sentia. Obrigou-se a não os olhar, e ficou de pé olhando fixamente os restos do fogo, até que se foram.

Nilsa o olhava de vez em quando, nervosa. Oleg a pegara pela cintura, enquanto brincava com Gunnar. Mas Rognvald não os olhava, ao entrar no salão, ela vira o rosto dele, parecia furioso e ela se sentia inexplicavelmente culpada. Lynnae se aproximou dela, e lhe sussurrou em seu ouvido, aproveitando que Oleg estava falando com Gunnar.

— O que está havendo? — Nilsa olhou Rognvald porque não podia deixar de fazê-lo. Lynnae seguiu seu olhar e franziu

o cenho ao ver a expressão de seu cunhado. Ficou muito surpreendida, e obrigada a justificar, embora não entendesse o que lhe acontecia.

— Não se preocupe com ele, está passando uma má fase. — Sorriu para Nilsa que lhe devolveu o sorriso. — Aproveite muito, Oleg me disse que vai levá-la ao povoado, e que comerão por lá.

Nilsa sorriu entusiasmada, nunca comera em nenhum lugar, fora do castelo. Abraçou sua amiga emocionada e Oleg esperou pacientemente para levá-la. Saíram os dois, sendo observados por Gunnar e Lynnae.

Rognvald assistira o sorriso e o abraço que ela compartilhara com Lynnae, com algo asquerosamente parecido à inveja, por isso pensou que devia estar enlouquecendo. Quando os viu sair, precisou se conter para não grunhir furioso, e sair atrás de Oleg para roubá-la.

Gunnar se aproximou depois de se despedir do casal.

— O que está acontecendo?

Ele não soube o que dizer, seu interior era uma mistura de sentimentos confusos, que não havia sentido antes. Mas sentia medo que o *berserker* voltasse a tomar posse de seu corpo, como havia acontecido na casa de seus pais. Gunnar decidiu que lhe viria bem um pouco de exercício.

— Vamos montar um pouco Rognvald! Faz muito que não tenho ninguém, que monte bem de verdade, com quem possa apostar uma corrida.

Rognvald sussurrou uma resposta afirmativa, ainda com o olhar fixo na saída por onde ela partira. Algo para tentar tirá-la

da cabeça.

****

Oleg a levou ao Visby, o povoado que havia junto ao castelo, e ela percorreu todas as ruas pela primeira vez, fora somente uma vez com Seren e com Lynnae ao mercado. As casas, por ser verão, estavam adornadas com flores e plantas, o que lhes conferia um aspecto muito alegre. Estiveram passeando pelo porto, vendo os navios que estavam atracados, e foram caminhando até o mercado onde as mulheres costuravam e vendiam todo tipo de coisas, desde braceletes de pele, até cestos, inclusive roupas.

Nilsa nunca comprou nada para ela, que não fosse necessário, como roupas ou sapatos. Pela primeira vez, pensava gastar parte de seu pagamento em algo que não necessitasse, algo que, simplesmente, gostasse.

Parou em frente a uma anciã que estava sentada no chão, com uma manta estendida, em cima da qual havia vários braceletes de pele. Abaixou-se para pegar um deles, a mulher sorriu enquanto continuava polindo uma pedra,

— Você gosta desse? — Oleg falou junto a seu ouvido, ela assentiu, enquanto observava o desenho que estava gravado no centro da pele. Era a cabeça de um urso que rugia enfurecido. Algo lhe chamou a atenção, olhando-o mais de perto, deu-se conta de que haviam pintado os olhos de azul, então sentiu percorrê-la um calafrio de reconhecimento. Pegou a bolsa que levava pendurada da cintura para pagar, mas Oleg a deteve com a mão.

— Espere, deixe que eu pague por ele. — Ela hesitou um momento, não lhe parecia muito bem, mas depois assentiu voltando a olhar o bracelete. Não podia afastar o olhar daqueles olhos enfurecidos, eram iguais aos dele. Sorriu à anciã vendedora, para lhe agradecer, mas ela lhe fez um gesto para que não se fosse ainda.

— Aproxime um momento filha, — ela se inclinou à mulher, olhando o rosto cheio de sulcos, e cabelos brancos, — esse bracelete é a representação de um *berserker*, meu marido era um deles, — ela suspirou. — Certamente será uma casualidade que o tenha escolhido, mas se não for, lembre-se sempre que o urso é o animal mais feroz, mas também o mais nobre de nossa mitologia. — Nilsa se ergueu entendendo.

Oleg, que não escutara a conversa, amarrou-lhe o bracelete, e agarrando-a pela mão, porque já começava a ter muita gente, foram comer.

Almoçaram no único botequim do povoado, sentados em um canto onde havia menos animação. Esse foi o momento que Oleg escolheu para falar com ela. Ela o observou atentamente, mudava muito sem o uniforme. Era muito maior que ele, mas ainda atraente, possuía sua mesma altura, era loiro e com os olhos escuros.

— Nilsa, — ele estava nervoso. Apesar de sua idade, aquela mulher conseguia que se sentisse, como um menino em sua presença, — faz tempo que quero falar com você. — Ela sorriu, passara muitos momentos passeando com ele, junto ao castelo. Sabia que era um homem no qual se podia confiar. — Você sabe que tenho dois filhos, até agora minha irmã cuidou

deles, desde que sua pobre mãe morreu, mas agora ela vai se casar, e vai do povoado, porque seu futuro marido não é daqui. — Ele suspirou. — Como é normal, terei que me encarregar de meus filhos, e pensei em me casar.

Nilsa arregalou os olhos, esperando suas próximas palavras.

— É muito repentino, e embora quase não nos conheçamos, eu sei que você é uma boa mulher, e você sabe que eu nunca a machucarei. Mas há algo mais, eu nunca pensei que voltaria a sentir algo por uma mulher, como o que sentia por minha esposa, mas você conseguiu que eu voltasse a fazê-lo.

Nilsa o olhava, agradecendo, pela primeira vez em sua vida, por não poder falar, porque não saberia o que responder.

— Sei que precisa pensar, não se preocupe, mas eu gostaria que o fizesse, fará? — Ela assentiu uma vez, desejando voltar para castelo.

Agora que sabia o que Oleg sentia, não estava à vontade a sós com ele. Nunca pensara que ele sentisse por ela, algo mais do que uma amizade, apesar do que Lynnae sempre lhe dissera, avisando-a do amor do soldado por ela.

Por sorte, voltaram para o castelo dando um passeio, depois de comer, e ele somente lhe pegou a mão como despedida, quando ela estava a ponto de entrar. Ao passar a soleira, ela ficou quieta um momento, já que a escuridão era total na entrada, em contraste com a rua, e não via nada. Algo dentro dela, dizia-lhe que corresse, mas não deu atenção, e alguém a agarrou pelo pulso, atraindo-a para um corpo

poderoso.

Rognvald levara todo o dia pensando, no que aquele homem poderia estar fazendo com ela, e esperou-a. De nada servira o passeio de duas horas a cavalo com seu irmão, com corrida incluída. Nem o banho na água gelada do rio, porque saiu igualmente zangado do que quando entrou. Fazia mais de uma hora que estava na entrada, escondido na escuridão, esperando-a, sentindo que sua fúria crescia por momentos. Até que, finalmente, ela chegara.

Agora que estava em frente a ele, presa a ele, não sabia onde levá-la, aquela não era sua casa, e podiam encontrá-los a qualquer momento. Observou o rosto da moça, estava com as pupilas aumentadas, e respirava agitadamente. Ao contrário dela, ele, graças a sua maldição, enxergava perfeitamente na escuridão.

— Fique calma moça, não lhe farei mal, — apesar de seu aborrecimento com ela, sentia a necessidade de acalmá-la para que não sofresse, mas ela não lhe dava atenção. Rognvald sentia seu medo. Possivelmente fosse por sua voz, que havia enrouquecido, como lhe acontecia quando o *berserker* dominava sua mente.

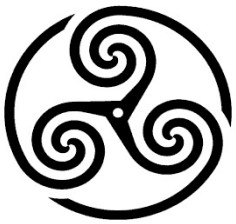
Puxou-a decidindo levá-la para seu aposento, por sorte, não encontraram a ninguém pelo corredor. Uma vez lá dentro, soltou-a, e ela segurou o pulso com a outra mão, esfregando-o, então ele se fixou no bracelete, franziu o cenho ao vê-lo, e se aproximou.

— Deixe-me vê-lo, — assinalou o bracelete, ela levantou a mão lentamente para que ele o visse.

Rognvald ao ver a pintura do urso, retrocedeu um passo aturdido e voltou a olhar à moça. Tomou de novo sua mão e com o dedo indicador, seguiu os traços do animal, que rugia com aqueles olhos azuis inconfundíveis, os de um *berserker*. Depois saiu correndo do aposento, deixando-a com muito mais perguntas do que antes.

Ela levava em seu pulso a representação de um *berserker*, como faziam antigamente as almas gêmeas, as companheiras, mas, além disso, poucos sabiam que, em sua casa, sua família e amigos, chamavam Rognvald carinhosamente de urso. Ele se sentou na cama e ficou olhando fixamente o fogo, mais aturdido do que nunca em sua vida.

Nesta mesma noite falou com Gunnar, não lhe contou toda a verdade, mas não fez falta. No dia seguinte, os dois entraram em acordo, iria para Roma, no centro da ilha, havia muito no que pensar, e preferia estar a sós para ficar sem distrações.



CAPÍTULO III

No outro dia, quando soube que ele partira, ela se sentiu abandonada, embora ela não entendesse o porquê. Nos dias seguintes, cada vez que a porta da entrada soava, seu coração se acelerava, pensando que fosse ele. Não disse nada a ninguém, apesar de que Lynnae em algumas ocasiões tentara lhe falar sobre Rognvald, mas ela costumava fugir, ou não prestar atenção. Sentia muita confusão na cabeça.

Quando escutou sua amiga, contou-lhe sobre a proposta de Oleg, ele havia contado para Gunnar, e também lhe havia dito que esperava uma resposta brevemente. Nilsa, negou com a cabeça para que Lynnae conhecesse seus sentimentos.

— Compreendo, — ela suspirou, porque havia dito para Gunnar, que não acreditava que Nilsa aceitasse Oleg. — De qualquer maneira ninguém espera que você responda tão rápido. Se quiser, diremos a ele que precisa pensar alguns dias, para o caso de mudar de opinião. — Ela não acreditava que isso pudesse ocorrer, mas aceitou.

Duas semanas depois, voltava da ordenha das vacas,

quando Seren, a cozinheira saiu para procurá-la no caminho. Parecia muito nervosa, suas bochechas estavam vermelhas, e o cabelo branco saíra do lenço, com o qual cobria a cabeça,

— Corra! Venha, vieram visitá-la! Deixe os baldes aqui, logo os recolheremos, venha, — agarrou-a pela mão, puxando-a para casa.

Seren, apesar de sua idade, quase corria, emocionada por dar uma alegria àquela moça que todos acreditavam sem família, e, a qual, pela primeira vez em anos, vieram ver. Levou-a junto a Gunnar e Lynnae, que falavam com os três visitantes. Nilsa sorria aturdida, deixando-se arrastar, guiada por Seren. A anciã anunciou sua presença, e os homens se voltaram, enquanto que Lynnae, emocionada, aproximava-se dela,

— Já está aqui! — Todos sorriam, Lynnae lhe deu um abraço rápido antes de dizer:

— Nilsa! Que alegria! Vieram para vê-la: seu tio Horik, e seus primos, Rollo e Tjelvar. Já lhes dissemos, que acreditávamos que você não tivesse família, — assinalou com a mão aos três homens morenos com olhos negros, que sorriam aproximando-se.

Ninguém esperava que Nilsa começasse a tremer, e soltasse um uivo, como nunca a ouviram fazer. Retrocedeu vários passos, enquanto olhava fixamente para Horik, apesar de que Lynnae, que não entendeu nada, tentou segurá-la. Então seu tio, aproximou-se dela e a agarrou pelo braço, sacudindo-a.

— Cale-se! — Sorriu para os outros, embora não tenha conseguido enganá-los, — haviam nos dito que ela não podia

falar! O que lhes parece? Ora, gritos! — Nilsa tentava torpemente que ele tirasse a mão do seu braço, sem parar de tremer e de gritar. Estava tão assustada, que lhe era dificultoso respirar. Seus piores pesadelos se tornando realidade.

— Solte-a! — Gunnar se colocou junto a eles, e aprisionou ao homem, agarrando-o pelo punho. Ao princípio o estranho aguentou, até que notou que o viking estava a ponto de lhe romper o osso, então soltou Nilsa.

Horik esfregou o punho enquanto seus filhos se aproximaram dele e os três começaram a sussurrar em voz baixa, certamente preparando algum ataque. Gunnar desembainhou a espada, não gostava daquilo.

— Fora daqui! — Assinalou a saída com a espada. — Seren saia para procurar Niord, para que ele traga vários homens. — Horik ficou muito vermelho, sentindo-se insultado. Seren correu para fora.

— Arrepender-se-á disto! O conde Sveinn nos apoia! Viu a carta dele! Iremos vê-lo e viremos com soldados suficientes para destruir tudo isto! — Ele gritava com o rosto congestionado, mas Gunnar lhe respondeu sem levantar a voz.

— Não se esqueça de que você não fala com qualquer um, meus homens estão treinados, por mim, para guerra, e hoje mesmo informarei ao rei Felipe. — Gunnar parecia frio como o gelo, e em seus olhos podia-se ler morte daquele que o enfrentasse.

— A península está muito longe, comprovará que, como inimigos, somos os piores.

Voltou-se para Nilsa que chorava nos braços do Lynnae,

atrás das largas costas de Gunnar. Este lhes apontava com sua espada, disposto a fazer pedacinhos deles ali mesmo.

— Afinal somos a família dela, e temos direito a levá-la. — Seja o que fosse que ainda tivesse a dizer se viu interrompido por meia dúzia de soldados de Gunnar, que entraram no salão e se colocaram a seu lado. Ele assinalou aos três homens com a espada e disse:

— Tirem estes indesejáveis daqui! E lhes sigam até que tenham saído de minhas terras, imagino que vieram de navio, então que subam nele e que voltem para suas casas! — Eles se deixaram levar sem colocar resistência. Lynnae olhou para seu marido enquanto amparava sua amiga, muito maior que ela, grudada a seu corpo. Gunnar a observou muito sério, seu rosto mostrava preocupação, então Lynnae disse à cozinheira:

— Seren, por favor, leve Nilsa à cozinha, e lhe prepare uma de suas infusões. — A anciã assentiu, e enlaçou à moça pela cintura, esta se soltou e correu para Gunnar. Aproximou-se dele e lhe deu um tímido beijo na bochecha como agradecimento. Lynnae estremeceu ao se recordar da maldade que acabava de presenciar. Esperou até que elas se afastassem antes de falar com seu marido, ele se deixou cair em sua cadeira, pensativo. Ela se sentou a seu lado.

— Marido, muito obrigada. — Agarrou a mão dele e a levou a sua bochecha, ele sorriu com tristeza.

— Não podia deixar que semelhantes bestas a levassem, espero que não ela não tenha acreditado que eu seria capaz de algo assim, — ele protestou

— Não, conheço de sobra seu grande coração, embora ela

o esconda ao resto do mundo. O que o preocupa? — Ele sacudiu a cabeça, sabia que aquilo lhes traria muitos problemas, intuía.

— Eles são a família dela, de verdade…

— Não acredito! É impossível! — ele sabia que ela reagiria assim.

— Lynnae! Escute, — baixou o tom de voz — os traços daqueles homens eram semelhantes aos dela, sem dúvida são família. Traziam uma carta do conde Sveinn, onde ele pede como um favor que deixássemos que ela fosse, porque querem lhe restituir sua herança.

— Isso não significa nada, podem ser parecidos e…

— Escute Lynnae, você viu à moça reagir, ela os conhece, pelo menos ao mais velho. Devem ter lhe feito algo terrível, pois reagiu daquele jeito ao vê-los, estou de acordo, mas também sei que isso significa que ela os viu antes. — Ele sabia que o que diria faria com que sua mulher protestasse, mas precisava fazê-la entender. — Lynnae, eu aprecio a Nilsa, e sei que ela é uma moça incapaz de fazer mal para alguém. Mas uma mulher muda, desgraçadamente não pode decidir sobre seu destino. Se eles forem de sua família, diante de qualquer *ping*[3], nos seria dito que devemos entregá-la. — Levantou a mão para evitar os protestos de sua mulher — não vou entregá-la, mas eles voltarão. Tenho certeza de que há mais alguma coisa que não nos contaram. Temos que ganhar tempo, deu-se conta que eles possuem um sotaque?

— Sim, mas não me é conhecido. — Ele ficou pensativo

— Era estrangeiro, embora eu acredite que não o ouvi

antes. — E sacudiu a cabeça porque isso, agora, não importava.

— Tem alguma ideia? — Gunnar negou, pensou em mandá-la para seus pais, mas certamente lhes ocorreria ir lá. E não queria criar problemas para eles.

— E se a mandamos com seu irmão? Uma temporada, até que tudo passe. — Ele se levantou e começou a andar, parecia-lhe uma loucura.

— Não sei, eu já lhe contei como ele está e não confia nem em si mesmo. — Seu olhar era de angústia, por ter que falar assim de seu irmão. — Ele mudou muito, era um rapaz com o melhor caráter do mundo.

— Estive falando um momento com ele Gunnar, acredito... — ela hesitou, mas era o que pensava de verdade — ...acredito que é possível que ela seja a alma gêmea dele, mas pode ser que ele ainda não tenha se dado conta. Em qualquer caso, estou segura de que ele é incapaz de machucá-la, além disso, temo que não temos mais remédio do que nos arriscar.

Ele assentiu, não era a melhor solução, mas não havia outro lugar, na ilha, onde escondê-la, e ninguém por ali, sabia que aquelas terras lhe pertenciam. Ele as possuía somente a pouco tempo, foram um presente do Rei Felipe, em agradecimento por um serviço que não permitiu que ele perdesse a coroa.

— Está bem, diga para Seren que venha um momento, e você por enquanto, fique com ela. — Lynnae saiu correndo para cumprir as ordens e poucos minutos depois Seren estava ao lado dele, a anciã parecia ter envelhecido vários anos.

— Seren, preciso que você prepare uma bolsa com as coisas de Nilsa, o que for preciso para ela passar alguns dias, não sei quanto tempo. — A anciã começou a soluçar, tapando o rosto com uma mão para que ele não a visse. Gunnar assombrado se levantou, nos anos que a conhecia, nunca a viu chorar.

— Seren, — ele colocou a mão no ombro. — Seren, fique calma, escute, é para o bem dela, aqueles três não estão com boas intenções.

— Já sei Gunnar. — Ela assentiu, olhou-o chorosa. — Mas ela é tão inocente, e tem tanto medo de tudo.

— Sei, mas a levaremos a um lugar seguro, tenho certeza de que voltarão para procurá-la. Preciso que ela nos ajude. — Ela assentiu. — Recolha as coisas que ela precisará: suas roupas, seus sapatos, o que possua. Não sabemos quanto tempo ficará fora.

Enquanto isso, ele pediu que preparassem seu cavalo, montaria nele, com Nilsa. Levaria dois soldados apenas no caso, os outros seis ainda não haviam retornado de cumprir suas ordens. Depois foi à cozinha, e encontrou Nilsa e Lynnae sentadas muito juntas. As duas levantaram o olhar para ele, era evidente que Lynnae já havia explicado a situação para Nilsa, porque ela estava abraçada a sua mulher, e Lynnae também mostrava lágrimas nos olhos. Ele suspirou e se sentou junto a elas.

****

Quando Seren apareceu com a bolsa já preparada na

cozinha, eles já haviam conseguido que Nilsa se tranquilizasse um pouco, e que aceitasse acompanhá-lo. Para lhe dar segurança, na entrada do castelo, e antes de sair para onde podiam escutá-los, colocou-se em frente à moça e a agarrou pelos ombros.

— Nilsa, entendeu que vou levá-la para lá, e que logo você vai ficar sozinha com meu irmão? — Ela assentiu, e baixou o olhar para o chão. — Ele lhe levantou o queixo, e lhe repetiu o que havia dito na cozinha. — Eu lhe prometo que irei buscá-la assim que puder. — Ela assentiu outra vez, e se abraçou a Lynnae e a Seren, que a beijaram emocionadas. Depois, Gunnar montou, e ajudou à moça a fazê-lo atrás dele. Olhou para sua mulher um instante, e partiu para “Roma”.

****

Já vinha aquele monge até ele outra vez, e parecia trazer de novo a maldita cerveja azeda e sua bíblia. Rognvald esteve a ponto de dar meia volta, e entrar no bosque outra vez. Voltava da caçada, na qual estivera durante várias horas, prova disso era o enorme cervo que carregava sobre os ombros.

Estava cansado, e quase todo o dia sem comer, agora mesmo, não era a melhor companhia.

Estivera colocando armadilhas, e depois, metera na cabeça que caçaria um cervo, e não havia parado até conseguir. Continuou andando até a casa como se o monge, quase imberbe, não o seguisse, trotando a seu lado, como um cachorrinho que queria brincar.

— Senhor! Por favor, senhor! — Ele entrou na cozinha

como se não o escutasse, e deixou o cervo em cima da enorme mesa que construíra. Ainda não estava terminada, mas se mantinha em pé.

Depois se dirigiu ao balde de água, e lavou as mãos, detestava tê-las cheias de sangue. O monge esperava, impaciente, que ele lhe desse atenção...

— Diga-me Declan, — desgraçadamente, pouco importava se ele estivesse de bom ou de mau humor, sempre estivera junto dele. — Senhor Rognvald,

— Somente Rognvald, — ele lhe dissera aquilo muitas vezes, mas aquele moço cabeça dura.

— Sim senhor. Rognvald, é verdade, — ele parecia muito emocionado com o que queria lhe dizer. — Tenho realizado algumas mudanças na receita, é possível que assim esteja melhor, por favor, poderia prová-la?

Ele respirou fundo e esticou a mão para que lhe desse o copo, havia provado todas as mudanças que ele fizera, já fazia vários dias, sem notar a diferença. Ao que parecia, o padre pensava que ele possuía um paladar melhor do que os monges, ou que ele estava mais acostumado ao álcool. Bebeu um gole esperando o sabor desagradável dos outros experimentos, mas este foi diferente. Possuía um delicado sabor amargo, que deixava com vontade de mais.

— Há um estranho sabor ao final, não sei o que é. — Voltou a beber outro gole.

— Especiarias. — O viking assentiu e saboreou outro pouco, observando o monge.

Fisicamente, não podiam fazer um contraste maior, por

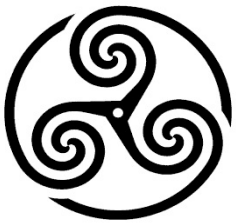
um lado, estava o enorme corpo, alto e musculoso de Rognvald coberto por calças ajustadas e uma camisa solta; e por outro, Declan, que era um irlandês fracote e não muito alto, de cabelo escuro, e inocentes olhos verdes escuros, vestido com uma túnica cinza. Parecia muito tímido, razão pela qual Rognvald ainda entendia menos que, desde que havia chegado ali, sempre estivesse com ele.

— Está boa, — disse surpreso. O moço sorriu feliz.

— Eu sabia! O truque está nas especiarias! Assim o sabor é melhor, e aguenta mais dias sem estragar! Encontrei um jornal dos antigos monges, de quando a fabricavam na cervejaria e…— Rognvald nunca soube o que ele ia dizer, porque seu corpo ficou tenso e saiu, ficando Declan com a palavras na boca.

Não se equivocara, aproximava-se um cavalo. Agarrou a espada que sempre guardava na entrada, mas a deixou assim que reconheceu seu irmão, e o esperou, sorridente.

O sorriso se desvaneceu quando Gunnar desceu do cavalo, e viu quem vinha com ele.



CAPÍTULO IV

— Nilsa, assim você se chama, não é verdade? — Ela assentiu ao moço vestido de monge, com o qual a haviam deixado. Estavam sentados à mesa da cozinha, enquanto os irmãos desapareceram em direção ao bosque. Gunnar havia decidido que deviam se afastar, para que não escutassem a discussão, diante da negativa de seu irmão de ficar com Nilsa em sua casa.

— Gostaria que eu lhe mostrasse a antiga cervejaria? — Seus olhos brilharam emocionados. — Ela está abandonada, mas tem alguns barris gigantes, e todos os instrumentos necessários para fabricar cerveja. — Ela o olhou inquieta e negou com a cabeça, estava pensando na discussão que deviam ter nesse momento, os dois irmãos.

Declan, dava voltas em sua cabeça, não lhe ocorria que outra coisa poderia distraí-la. Rognvald lhe pedira, que ficasse com ela até eles voltarem.

— Ah, sim! Há um manancial de água quente no porão do armazém. E uma piscina de pedra! Deve ser bom para os ossos,

e todas essas coisas. — Ela assentiu com os olhos arregalados. — Você gostaria de vê-la? — Ela voltou a assentir — Está bem, pois me acompanhe.

****

— Está louco, Gunnar! — Rognvald passou a mão pelo cabelo, nervoso. Seu irmão não o reconhecia, usava a barba muito longa, igual ao cabelo.

— Não há outra solução, acredita que se houvesse eu a traria aqui? Mas você precisava ter visto aqueles três, não teriam nenhum problema em matá-la, se lhes beneficiasse. — Isso pareceu incomodar seu irmão, porque ele se ergueu, e olhou-o com os olhos entrecerrados.

— Não me disse que lhe pareceram agressivos, somente que eram familiares dela, e que havia algum problema com uma herança, — ele falou entre dentes. Algo dentro dele borbulhou, ao pensar que alguém queria fazer mal àquela inocente moça.

— Um deles a agarrou pelo braço, e a machucou, enquanto ria dela, precisei tirá-lo de cima dela e inclusive cheguei a ameaçá-los com a espada. São de má índole Rognvald, sinto colocá-lo nesta situação, mas terá que proteger Nilsa. — Seu irmão fez um gesto com a mão, para que não continuasse falando, ele já estava convencido.

— Eles podem saber que vocês vieram para cá?

— Não acredito nisto, ninguém sabe que isto é meu. Por certo, que me dei conta que você está fazendo móveis, — a casa estava quase vazia por dentro, os donos anteriores deviam ter

levado tudo. E Rognvald sempre tivera mão boa com madeira.

Mas ele não lhe respondeu, estava olhando o rio, adentraram no bosque o suficiente, para que, da casa, não os ouvissem gritar. Quando voltou a olhá-lo, Gunnar sentiu lhe percorrer um calafrio, os olhos de seu irmão haviam trocado, ao azul típico da posse do *berserker*.

— Está bem, deixe-a aqui, — sua voz era mais grave. Mas Gunnar não podia fazer aquilo tendo dúvidas, ela era sua responsabilidade. Aproximou-se dele, até que seus corpos estiveram separados por poucos centímetros.

— Irmão, escute-me, — Rognvald o olhava desafiante. — Ela é uma mulher indefesa e inocente, peço que domine sua força. Sei que fará o correto, mas se lhe fizer algum dano, apesar de que me rompa o coração, eu o farei pagar por isso, entende? — Por um momento lhe pareceu ver a tristeza que suas palavras haviam provocado na alma de Rognvald, por causa da falta de confiança, mas em seguida, o *berserker* voltou a tomar o controle.

— Não lhe acontecerá nada, eu a protegerei com minha vida, — sua voz era cada vez mais rouca, mas Gunnar sabia que seu irmão era quem falava.

— Bem, não sei quando poderei voltar para buscá-la, mas o manterei informado do que estiver acontecendo. Acredito que eles voltarão em pouco tempo, em poucos dias. — Seu irmão sorriu malicioso, e lhe disse:

— Ao final, quem lhe tenha feito mal pagará. — Gunnar assentiu, ele pensava o mesmo.

Voltaram para casa, Gunnar queria retornar ao castelo.

Apesar de ter deixado Lynnae protegida, não ficaria tranquilo até que não estivesse lá com ela. Rognvald disse ao monge que ele já podia partir, e o moço o fez, depois de lhe lançar um olhar, preocupado.

Antes de ir, Gunnar, falou a sós com Nilsa, embora seu irmão estivesse atrás dela esperando de braços cruzados, falou com total liberdade.

— Nilsa voltaremos para buscá-la, sabe, não é? — Ela assentiu de novo, e se lançou a seus braços. Gunnar sentiu como ela tremia e toda a sua fragilidade, e lhe deu pena ter que deixá-la assim, mas não havia mais remédio. Por isso sussurrou junto a seu ouvido,

— Tenha paciência com ele, acredito que se entenderão muito bem. Tente não ter medo, sei que ele não lhe fará mal. — Ela assentiu, e se afastou dele dando um passo para trás. Então fez algo que Gunnar não a vira fazer nunca, cobriu o coração com a palma da mão assinalando e depois apontou na direção onde estava o castelo. Gunnar baixou o olhar emocionado.

— Obrigado Nilsa, — colocou a mão em seu ombro e o apertou por um momento — direi às duas que as leva em seu coração. — Ela assentiu e segurou suas mãos com força, para não suplicar que ele a levasse dali.

E de repente, Gunnar se foi. Ela não se voltou, até que o cavalo dele tivesse desaparecido atrás de uma colina. Então se fixou nos olhos ardentes de Rognvald, que continuava apoiado na porta, com os braços cruzados. Baixou o olhar em seguida, sentia vergonha em sua presença, e ao mesmo tempo

excitação. Ele sorriu com malícia, e se aproximou dela agarrando a ponta de sua trança, e puxando-a brandamente, para aproximá-la a ele. Assim, ela acabou pega ao corpo dele, Rognvald a abraçou encantado, graças a sua estatura ela era perfeita para seus braços.

— Nilsa que mal-educada, — meio brincou — você não me saudou como é devido. — Ela o empurrou com as mãos no peito dele para tentar afastar-se, mas, como da outra vez, ele era muito forte. Então, ele a beijou.

Não foi um beijo inocente, segurou sua nuca com uma de suas fortes mãos para que ela não pudesse escapar, e colocou a língua em sua boca, enquanto ela continuava resistindo. Mas quando suas línguas se juntaram, Nilsa sentiu um profundo prazer, o que a fez deixar de brigar. Então, subiu suas mãos aos ombros dele, e as manteve ali, mas ele, afastando-se um momento, disse-lhe:

— Abrace-me, — ela, trêmula e ardente, rodeou-lhe com seus braços pela nuca. Ele gemeu sentindo-se estranhamente apreciado, estava enfeitiçado por ela.

— Quem é você na verdade? — Ele notava algo especial, diferente, como se ela fosse uma criatura que tivesse saído do bosque para tornar seus sonhos realidade, e que, a qualquer momento desapareceria. Amaldiçoou entre dentes, lembrou-se do cervo, não podia deixá-lo muito tempo na mesa da cozinha.

— Caçei um cervo, preciso prepará-lo, se não estragará. — E entrou na casa. Ela o seguiu.

****

Nilsa se tranquilizou quando começou a trabalhar na cozinha, aquilo era algo que sabia fazer, e que a acalmava. Felizmente, Rognvald não lhe pedira ajuda para esfolar o cervo. Se precisasse, faria, mas era o que mais lhe desagradava. Mas ele, o levara para fora, e apareceu um par de horas depois, com as partes de carne limpas e cortadas, e que penduraram no depósito. Ela antes salgou-as para que se conservassem mais tempo, se não, se estragariam.

Haviam deixado uma parte na cozinha, com aquilo Nilsa faria um guisado, mas se deu conta de que não havia verduras. Aproximou-se de Rognvald que estava polindo sua espada, e tocou seu ombro brandamente lhe mostrando as poucas verduras que havia. Ele não a entendeu.

— Você não gosta das verduras? — Ela assentiu rapidamente, para que ele visse que esse não era o problema. — Pois então o que acontece? — Então ela aproximou o dedo indicador e polegar, até deixar entre eles um espaço muito pequeno, ambos na horizontal, e ele, finalmente, entendeu,

— São poucas! É isso? — Ela voltou a assentir, ele a olhou assombrado de que fosse capaz de se explicar, sem dizer uma palavra. — Está bem, venha comigo, vamos buscar verduras. Traga o cesto se quiser.

Ela o agarrou e saiu andando atrás dele, que se dirigia à ponte de madeira que cruzava o rio, ela diminuiu seus passos, nunca havia cruzado um rio. A ponte parecia muito frágil e lhe dava um pouco de medo. Ela olhou ao redor um pouco preocupada. Rognvald andava sobre ela como se não houvesse perigo, mas o rio era muito caudaloso, se caísse ali, mesmo que

soubesse nadar, certamente se afogaria. Enquanto pensava se cruzaria, ele havia retornado sobre seus passos, e a observava.

— Se sentir medo de algo, deve me dizer. — Ao escutar a si mesmo, amaldiçoou. Ela é muda, ele era um imbecil, — como eu estava dizendo deve fazer-me saber, entende? Venha, me dê a mão, a ponte é segura, não se preocupe.

Levou-a até o final, e não a soltou até chegar a uma estranha edificação. Ele começou a falar sem se dar conta, talvez precisamente porque ela não o fazia.

— É um monastério de monges circenses, são católicos, conhece a religião? — Ele se assombrou ao vê-la fazer o sinal da cruz com a mão direita, na outra levava a cesta. — Você é católica? — Outra vez ela afirmou com a cabeça. — Minha mãe também.

Nilsa lhe sorriu com doçura, e ele sentiu que algo dentro dele se afrouxava.

— Os monges cultivam frutas e verduras, fiz algumas trocas com eles. Falaremos com Declan, o monge que ficou antes com você. — Ela sorriu ao se recordar do amável rapaz.

Rognvald bateu o sino da entrada, e Declan apareceu; mais adiante ela soube que ele era o porteiro. O rapaz olhou-a sorridente,

— Olá Declan, ao que parece precisamos de algumas verduras de sua horta. — O moço assentiu sorrindo mais ainda. Às vezes precisavam tirar algumas verduras da horta, porque era muito para eles. E quando Rognvald levava algo, depois, era muito generoso.

Enquanto Nilsa, feliz e sorridente passeava entre os sulcos

da terra, pegando as verduras que queria, ele lhes disse:

— Levem o que quiserem, se puderem, em troca, nos dará uma parte daquele maravilhoso cervo que trouxeste, sei que os irmãos ficariam felizes. — Rognvald não pode menos que rir até as gargalhadas. Declan era uma raposa. Nilsa voltou a olhá-lo, assombrada, a risada lhe modificava a face. Ela conseguiu imaginá-lo sendo um rapaz imberbe, como Declan. Sorriu e continuou escolhendo verduras, quase já não cabiam na cesta.

— Os irmãos? E você não Declan? — O monge ruborizou e baixou o olhar, mas não conseguiu evitar um tímido sorriso ao responder.

— Devo reconhecer que um de meus defeitos é a gula, por isso, sim, eu adoraria comer carne para variar.

— Pois não se preocupe você a comerá. — Olhou à mulher, que continuava jogando verduras à cesta, embora não coubesse mais. — Nilsa, se precisar mais coisas, amanhã ou depois, podemos voltar. — Ela, envergonhada, deixou a alface que ia pegar, e abaixou a cabeça, pensando que havia sido repreendida. Ele se aproximou e pegou a cesta, mas não parecia zangado com ela, olhou-a e disse:

— Vamos, estou desejando provar aquele guisado. — Ela sorriu e o seguiu.

— Esperem! — Declan deu uma pele de cerveja. — Espero que você goste. — Nilsa lhe sorriu e a pegou. — É boa à digestão. — Ela apoiou a palma em sua testa e depois a estendeu para ele, o monge interpretou que ela lhe agradecia e se emocionou com o gesto dela. Assentiu, sorrindo, e se despediu com a mão.

Rognvald a deixou na cozinha, preparando a comida sobre o fogo, e olhou a sala, era o único aposento que havia além da cozinha, e onde os dois deveriam dormir, franzindo o cenho ao pensar. Desde que havia chegado, ele dormia no chão, ainda não colocara um colchão, apesar de que houvesse colchões no depósito, porque tivera outras prioridades. Mas, por algum motivo, não lhe parecia correto que ela o fizesse. Estremeceu ao pensar em ter seu corpo perto dele durante a noite, sem nenhum muro entre eles. Saiu de seu devaneio pouco depois, ao ver como ela agarrava os dois baldes e ia para fora, deteve-a, não queria que ela fosse sozinha a nenhum lugar.

— Espere! Aonde você vai? — Ela se voltou surpreendida e levantou os baldes para que ele visse que estavam vazios. Ele se aproximou e tirou-os das mãos dela.

— Eu irei. Não saia sozinha para nada, e se tiver que sair, diga-me e eu a acompanharei. — Ela assentiu, mas assim que ele foi ao rio para encher os baldes, ela correu em direção contrária. Aonde ia não queria que ninguém a acompanhasse, procurou um lugar discreto, fazia um tempo que necessitava, mas não se atrevia a pedir.

Voltou antes que ele o fizesse, e se meteu rapidamente na cozinha. Enquanto o conteúdo da panela ia cozinhando, aproveitou para começar a esfregar a cozinha, estava tudo muito sujo. Teria o que fazer por vários dias, depois continuaria pela sala. Havia muito para fazer.

Não entendeu porque lhe veio à cabeça o que houve no castelo de Gunnar e Lynnae com seu odioso tio, e seu coração se acelerou com as recordações que tinha dele em seu

longínquo país de origem. Ela balançou a cabeça e fez o que fazia há dez anos, escondendo aquela coisa horrível no fundo de sua mente.

Ele voltou com os baldes, e os deixou junto a ela, Nilsa lhe fez o gesto de tocar a testa e depois estender a palma para ele, agradecendo-lhe. Ele ficou parado um momento e depois assentiu, saindo da cozinha.

Rognvald, ao lado de fora da casa, começou a cortar madeira, arrastou um imenso tronco que estava caído no bosque, de uma árvore morta. Agora teria que manter acesa mais frequentemente a lareira com uma mulher na casa. Tentava estar ocupado todo o dia, queria ter muitas coisas para fazer, e não pensar nela. Quando ela o chamou para comer, entrou, e comeu rapidamente, depois, saiu e continuou cortando madeira.

Nilsa terminou de esfregar a cozinha, e ficou esgotada, pelo menos havia ficado bastante limpa. Ainda não estava a seu gosto, mas se via muito melhor que naquela manhã. Saiu limpando as mãos em um trapo, e ficou observando-o da sala, podia vê-lo dali porque a porta estava aberta.

Rognvald havia tirado a camisa, e usava somente calças e suas botas, e continuava cortando madeira com o machado, sobre um toco. Seus olhos se arregalaram incrédulos ao vê-lo, possuía costas impressionantes, muito larga, que contrastava com a cintura que era muito estreita. O cabelo longo, sob o sol, parecia de ouro. De tão longe não podia ver seus olhos, mas estava certa de que eram dois pedaços de fogo azulado. Quando ele a olhava, sentia que ele podia ver tudo o que havia dentro

dela.

Voltou a entrar com medo de que ele a visse espiando, e suspirou vendo a sujeira que havia na sala. Ergueu os ombros, e foi à cozinha buscar o necessário para esfregar o chão. Afinal dormiriam ali.

****

Quando terminou de partir lenha ele foi pescar. Era algo que sempre lhe tranquilizava, mesmo que estivesse esgotado. Seria capaz de dormir de pé, se permanecesse quieto o tempo suficiente. Voltou com um par de trutas grandes, com as quais se apresentou na cozinha. Ao entrar na sala, já notara que tudo estava mais limpo, mas a cozinha reluzia. Ela adormecera sobre a mesa, devia estar tão esgotada quanto ele. Deixou as trutas, e roçou seu ombro, enquanto a chamava brandamente.

— Nilsa, — ela não se moveu, mas ele voltou a insistir. Quando ela abriu os olhos e o viu tão perto, assustou-se e quase caiu da cadeira, mas ele a segurou a tempo. — Acalme-se, Nilsa, não aconteceu nada, você adormeceu. Deve estar cansada. — Ela assentiu e se levantou esfregando os olhos com as mãos, como faziam as crianças ao despertar. Viu as duas trutas, e também que ele já as limpara, por isso somente precisava cozinhá-las. Ela lavou as mãos, e começou a prepará-las.

Rognvald a olhou um momento, e foi ao depósito.

Quando as trutas estavam prontas, pouco depois, foi a sala para avisá-lo, e viu que ele havia colocado no chão dois catres, não sabia de onde ele havia tirado os colchões de lã,

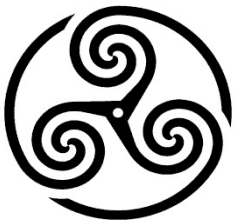
mas, ali estavam, cada um de um lado da lareira. Ele se deu conta de que ela o olhava, enquanto ele afastava a mesa da sala e as cadeiras, colocando-as contra a parede, para estar mais confortáveis quando dormissem.

— Não é muito, farei uma cama mais adiante. Não havia móveis na casa, e decidi fazer primeiro a mesa. — Ela assentiu assombrada porque ele estava lhe explicando o que ia fazer, como se lhe importasse o que ela pensava. Fez-lhe um gesto para que fosse comer, e ela se adiantou. Ele entrou e lavou as mãos, depois se sentou à mesa. Serviu-lhe um prato de verduras, e depois a truta, e começou a limpar o que sujara ao fazer o jantar, até que ele lhe disse.

— Sente-se e jante comigo, — ele se esticou para pegar a cerveja, e serviu dois copos. — Temos que bebê-la ou vai estragar.

Depois de dois copos de cerveja, Rognvald começou a lhe contar as travessuras que, seus irmãos e ele, costumavam fazer na casa de seus pais. Ela ria a gargalhadas, totalmente desinibida. Nilsa ria como uma mulher sensual, e ardente, fechando os olhos e mostrando dentes brancos, numa boca deliciosa. Rognvald notou de novo, crescer sua ereção e continuou enchendo o copo de cerveja de propósito, esperando. Quando ela já sorria com confiança, com os lábios úmidos, e os olhos risonhos e um pouco sonolentos por efeito do álcool, sorveu o último gole de cerveja, e lhe disse que se apressasse. Ela bebeu confiante, então ele, com voz profunda e rouca, enquanto seus olhos a olhavam ardentes, azuis como nunca, disse:

— Agora, à cama.



CAPÍTULO V

Levou-a ao catre junto à lareira, e a fez se deitar, ele sentia o coração na garganta pela emoção. Nilsa jogou a cabeça para trás, e seus olhos se encontraram com a feroz determinação de Rognvald. Seu olhar fixo a queimava, então, aconteceu algo extraordinário, ao se ajoelhar no chão, ao seu lado, a jovem sentiu uma rajada de calor que saiu do corpo masculino, queimando sua pele. Pela primeira vez em sua vida, entendeu, de verdade, o que significava o desejo. Estava aturdida, mas, não sentia medo, ao contrário, nesse momento soube que ele a protegeria, com sua vida, de qualquer ameaça.

— É uma deusa. — Ela se ruborizou, mais pelo tom do que por causa do seu olhar, ou pelo que ele dissera. Sua voz era grave, escura, e retumbava em seu sólido peito. — Perfeita! — Ele ronronou junto a pele dela, suas mãos acariciavam brandamente seus braços, seu fôlego a queimava.

Ela negou com a cabeça, sabia que não era nada daquilo, mas ele fazia com que se sentisse especial. Levantou meio corpo apoiando-se nos braços, e com uma mão, tocou seu seio.

Era duro, molhou os lábios, estava com a boca seca. Ela se atreveu, não soube como, a colocar a mão sob sua camisa, e tocar a pele dele, era morna e suave apesar de sua firmeza, ele entrecerrou os olhos, enfeitiçado. Tirou a camisa, queria que ela continuasse lhe tocando.

Nilsa teve que voltar a apoiar a cabeça, porque ela dava voltas. Ele se aproximou mais, até que suas fortes coxas estavam pegas ao colchão, então, agarrou a mão esquerda dela e a colocou sobre seu peito,

— Toque-me — Ela o olhou estranhando, era uma ordem, mas fora dito mais como uma súplica. Acariciou-o, não sabia como fazer, então, se deixou guiar por seu instinto. Ele gemia com aquela voz profunda, e seus olhos cada vez se tornaram mais azuis, e luminosos.

A mão de Rognvald se aproximou do rosto dela, e pousou sobre sua bochecha, depois baixou até sua trança com uma carícia. Com dificuldade, porque a luxúria que sentia fazia com que seu cérebro estivesse envolto em uma bruma, disse:

— Solte o cabelo. — Ela se sentou na cama devagar, para não ficar tonta e desfez sua trança. Quando o deixou solto, ele agarrou a cabeleira com as duas mãos, e a esfregou entre seus dedos observando sua cor, depois, enterrou o rosto nela, inspirando profundamente. Nilsa o olhava assombrada,

— Não deveria nunca usar o cabelo amarrado. — E voltou a acariciá-la, brandamente.

Quando ele baixou a cabeça, ela inspirou profundamente, para reter seu aroma e excitou-se ainda mais. Ele cheirava a suor fresco e limpo, e ar livre.

Os lábios de Rognvald tocaram seu pescoço, e lhe pareceu também que ele mordiscava sua pele.

— Você é perfeita para mim, — seus olhos fulguravam como duas estrelas.

Nilsa estendeu as mãos, ansiosa para voltar a tocá-lo, mas quando se encostou na parede, ainda sentada, começou a rir. Com um único movimento, ele a segurou com facilidade. Depois, fez que deitasse novamente. Ela aproveitou que ele estava com a cabeça inclinada, e acariciou seu cabelo. Era grosso e suave. Passou-lhe a mão pelo rosto e embora ele pareceu se surpreender, ela não a retirou.

Finalmente, Rognvald se aproximou de sua boca, incapaz de esperar mais tempo, sabia que ela era virgem. Saber que nunca havia estado com nenhum homem, fazia-o uivar de felicidade, o ser primitivo que havia dentro dele dava saltos de alegria, e rugia reclamando a posse definitiva. Precisava ancorá-la a ele, sua natureza exigia.

Beijou-a como se quisesse chegar até sua alma, e ela respondeu com paixão. Era tão fogosa quanto ele, então Nilsa, sem se dar conta, gemeu, enquanto se beijavam, Rognvald ficou assombrado ao escutá-la.

Colocou a mão sob a camisa dela, para tocar seus seios, e puxou seus mamilos, então ela voltou a gemer. Tirou seu vestido excitado, e se lançou a devorar seus seios; ela acariciava seu cabelo e sua nuca, incitando-o para que continuasse. Era a mulher mais excitante que tivera em seus braços.

Poucos minutos depois, ergueu-se para observá-la e ela

lhe devolveu o olhar com olhos sonolentos. Sem afastar os olhos dos dela, desfez o laço de sua roupa interior com estupidez, porque estava muito excitado, e a puxou atirando-a longe. Ela abriu as pernas completamente para ele, oferecendo-se sem pudor. O aroma de sua excitação lhe chegou tão forte quanto um disparo. Teria feito ele cair de joelhos se já não estivesse.

Respirava agitado, tentando não a invadir como um animal, acariciou seu corpo com incredulidade, notando como lhe ardiam a ponta dos dedos ao fazê-lo. Era como se estivesse acariciando fogo, ela ardia, igual a ele. Para ele já não existiam outras mulheres, somente ela, era a única. Rugiu levantando a cabeça sem conseguir evitar, e a besta tomou posse de seu corpo. Suas unhas se alargaram, e, sem se dar conta, uma delas fez um pequeno corte em Nilsa junto a um seio, ele se inclinou e o lambeu, chupando seu sangue. Sua ferida se fechou em seguida, sua saliva era curadora, embora somente para ela, ele havia sido criado para poder protegê-la e curá-la, se fosse necessário. Instintivamente, ele sabia.

Nilsa olhava as unhas dele, enquanto sentia que os efeitos da cerveja foram passando. Rognvald fechou os olhos para concentrar-se melhor, e conseguiu que suas unhas primitivas, ficassem sob as do humano, depois separou ainda mais as pernas dela, e observou seu sexo lambendo-se. Colheu com dois dedos parte do suco que fluía dali, e os levou a boca, chupou os dedos olhando-a apaixonadamente, satisfeito.

— É tão doce, — ele se inclinou, e levantou seus quadris para poder beber dela. Nilsa se assustou, mas ele continuou

fazendo aquilo. Nada no mundo teria conseguido que se afastasse dela.

Colocou a língua em seu interior e a lambeu recolhendo seu mel, saboreando-a ansioso, poderia alimentar-se somente dela. De seu suco. Olhou-a, ela o observava muito vermelha, e ofegava, de novo muito excitada. Inclinou-se para beijá-la, e a mordeu forte no lábio, embora sem chegar a machucá-la.

Precisava marcá-la, para que todos soubessem que era dele. Colocou dois dedos dentro dela, até encontrar a resistência virginal, então, esticou a entrada para os lados para alargá-la, e, depois, acariciou seus clitóris, até que sentiu que estava a ponto de gozar.

O coração do Rognvald pulsava, como se estivesse gozando, e sua ereção palpitava como se tivesse vida própria. Despiu-se em um instante, e voltou para ela, incapaz de esperar mais tempo, sabia que aquilo mudaria tudo.

Beijou-a na boca de novo, fez-se um oco entre suas pernas, até que tombou sobre ela. Continuou beijando e lambendo seu pescoço, e ela levantou seu corpo oferecendo-se a ele. Acariciou seus seios e com os dentes puxou cada mamilo até o limite do prazer, e ela voltou a gemer. Ele estava fascinado.

— Eu gosto desse som, — ela sorriu, mantendo suas mãos nos braços dele. Rognvald agarrou seu pênis, e colocou na entrada dela.

— Finalmente chegou o momento, — viu um instante de dúvida no rosto dela, e então fez, entrou nela de uma vez, acreditando que seria melhor assim.

Ela gritou de dor, e ele começou a beijá-la e a acariciá-la, mantendo-se quieto em seu interior, tentando fazer com que se acostumasse a sua intrusão, e que ela se esquecesse da dor que ele mesmo havia provocado. Quando notou que ela respondia de novo a seus beijos, começou a se mover entrando e saindo dela. Pouco depois, Rognvald sentiu que algo lhe explodia na cabeça, encontrava-se perigosamente perto do orgasmo, e com o corpo tremendo, pela urgência de liberar sua semente dentro dela.

Voltou a rugir feroz, possessivo, com um grito ancestral para avisar aos outros machos próximos, de que esta fêmea já possuía dono. Então, ela gozou, com um longo alarido de prazer, e surpreendida por algo que nunca havia experimentado. Só então, ele se permitiu segui-la, voltando a rugir, nesta ocasião, pelo êxtase. Ela dormiu no momento, esgotada, ele não, sentia-se no paraíso, e estava muito excitado para fazê-lo, além disso, desejava observá-la dormindo em seus braços.

Colocou-a de lado de frente pra ele, ela se queixou sem despertar, e se acomodou em seus braços. Nilsa se aconchegou neles, inconscientemente, como se soubesse que era o melhor lugar onde poderia estar.

****

Despertou antes de amanhecer, como fazia sempre, e a poucos centímetros de seu rosto, viu o peito dele, e se assustou durante um momento. Então recordou-se do que aconteceu, e foi se afastando devagar, com as bochechas tintas de rosa,

envergonhada. Não podia acreditar em como se comportara. Levantou-se e, pegando o necessário para se banhar, foi ao rio, notava-se pegajosa, com a mistura dos fluidos de ambos, em seu interior.

Estava acostumada a se banhar ao ar livre, as faxineiras normalmente se banhavam no rio, ou se lavavam com um pano e uma bacia. A água estava fria, mais do que no rio onde se banhava normalmente, junto ao castelo, mas preferia enfrentar o frio e estar limpa. Banhou-se rapidamente, e, estava se secando, quando algo a derrubou. Antes de se dar conta, estava deitada de barriga para cima, a mercê de um javali, o maior que havia visto em sua vida. Retrocedeu até que seu corpo se chocou contra uma árvore, o animal a olhava com olhos raivosos, ela abriu a boca para gritar, mas não saiu nenhum som.

O javali se aproximou mais, e começou a remexer o chão agressivamente. Nilsa observou suas presas enormes e curvadas, imaginando o que elas fariam em seu corpo. Estremeceu, e novamente abriu a boca para gritar. Desta vez lhe saiu um pequeno grito, voltou a tentar, e o grito foi um pouco mais alto, até que conseguiu formar uma palavra, a única que poderia salvá-la.

— Rognvald! — Quando o javali investiu contra ela, ela havia conseguido se levantar e sair correndo para casa, mas tropeçou com as raízes de outra árvore. Então, algo saltou por cima dela, rugindo e uivando. Era uma força da natureza, voltou-se para ver a briga. O javali, ao ver Rognvald, lançou-se a ele sem parar. O viking havia trazido sua espada, e precisou

se esquivar de dois ataques do animal, que furioso, tentava feri-lo, até que conseguiu atravessá-lo. Quando o fez, ele caiu de lado, morto, e Rognvald se voltou à mulher. Estava nua chorando, e tapando-a boca, mas ele a ouvira gritar seu nome.

Sentia uma energia escura percorrer seu corpo, a escuridão que pensava que havia conseguido frear a noite anterior, e que havia voltado ao vê-la em perigo. Puxou-a para observá-la, quando viu que não ela estava ferida, carregou-a no ombro, e assim a levou à casa. Nilsa começou a gritar, recuperara sua voz, e então, Rognvald lhe deu um açoite na bunda, não lhe machucou, mas ela ficou tão surpresa que não voltou a gritar.

Uma vez lá, deixou-a de pé, depois de fechar a porta com a tranca e a olhou, até aquele momento, ela não havia visto seus olhos. Quando o fez, correu à cozinha, embora soubesse que não serviria de nada, ele a agarrou fortemente por um braço, sem o cuidado da noite anterior.

Nilsa não queria olhá-lo, suas mãos agora eram como garras, e os traços do rosto dele se tornaram mais selvagens, seus olhos eram os de um animal encurralado, furioso, capaz de tudo.

— Olhe para mim! — Ela olhou, amedrontada por sua voz, ou deveria dizer vozes, já que parecia que agora lhe falavam dois seres ao mesmo tempo. — É a última vez que você se coloca em perigo! — Ele rugiu e ela ficou pálida, tremendo, com medo do que esse desconhecido pudesse lhe fazer.

Chorava incontrolavelmente, aterrorizada de verdade diante dele, pela primeira vez. Então Rognvald se aproximou

dela, segurando-a com a mão, e limpou suas lágrimas, ela viu as unhas longuíssimas e curvadas, mas nenhuma delas a machucou. Mais tranquila, embora soluçasse de vez em quando, arrastou-a à cama, ela resistia com todas suas forças, mas em um momento, estavam de pé ao lado do catre. Uma vez ali, ordenou:

— Deite-se. — Ela se negou, ele rugiu furioso, e ela o fez tremendo, então, Rognvald se deitou em cima dela.

Nilsa agora chorava sem fazer ruído, temendo zangá-lo mais ainda, ele, apesar de seu estado selvagem, não a esmagava, apoiava-se para não o fazer. Colocou uma mão entre seus corpos, e inseriu dois dedos dentro dela, e franziu o cenho ao fazê-lo.

Ela estava seca, ele a machucaria, por isso ele se ergueu até ficar de joelhos, e aproximou os quadris dela até sua boca, levantando-a. E começou a chupar e a lamber, até conseguir que ela ficasse molhada, quando conseguiu, ele continuou bebendo dela durante um momento, incapaz de parar. Depois, quando ela já havia gozado, voltou a se deitar sobre ela, agarrou seu pênis, que estava maior do que o habitual, e o colocou na entrada dela; então, enlaçou seus dedos com os de sua alma gêmea, e a penetrou com todas as suas forças, ela fechou os olhos, esperando uma dor, que nunca chegou.

Não sabia o que acontecia, mas, se a noite anterior havia sido uma experiência maravilhosa, hoje lhe parecia inclusive melhor, diferente. Ele se movia lentamente, entrando nela, brandamente, como se estivesse dançando, a noite anterior tudo acontecera muito rápido.

Rogvland, nesse momento, começou a falar,

— Você é minha, para sempre, igualmente eu sou seu. Sem você não sou nada, você é minha outra metade, a que me complementa, e segura minha loucura. Se você me abandonar, a besta que você viu me possuirá cada vez mais, até que me faça matar. — Ela estava hipnotizada por suas palavras. — Não a reconheci ao princípio, mas você é aquela da qual me falava meu pai, a metade de minha alma. Por isso, juro, que colocarei sua felicidade sempre acima da minha, mas também que você precisará me matar para me abandonar. — Durante um momento ele ficou quieto, olhando-a nos olhos, e então, voltou a penetrá-la duramente e disse:

— Agora quero ouvi-la dizer meu nome. — Ela o olhou aturdida, sabia que ele a ouvira gritar. Ele voltou a ficar quieto, ela não conseguiu suportar, necessitava que ele continuasse se movendo. Arqueou seus quadris tentando provocá-lo, mas ele somente sorriu e a segurou com uma mão, enquanto acariciava sua pele com o polegar.

— Não terminará até que fale, terá tudo o que queira nesta vida, eu proverei para você, mas terá que me pedir. Escutei-a falar. — Ela abriu a boca e tentou falar, mas foi impossível, não lhe saía a voz, foram muitos anos.

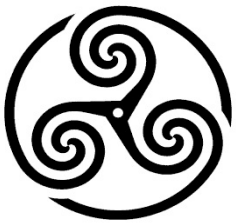
Ele lambeu seu dedo indicador, ergueu-se, ainda convexo sobre ela, e começou a massagear seus clitóris, até que ela acreditou que enlouqueceria. Quando estava a ponto de alcançar o prazer outra vez, ele parou de acariciá-la. Então, ela, desesperada se decidiu voltar a tentar,

— Rog...Rog...Rognvald! — Depois da terceira tentativa,

conseguiu dizer. Ela mesma não acreditava, viu-se recompensada quando ele recomeçou o movimento, e ela teve um orgasmo brutal. Nilsa pensou que morreria de prazer.

Quando abriu os olhos, depois de que terminou a última contração, ele continuava beijando-a com adoração. Olhou-o assombrada, era totalmente humano outra vez, olhou seus dedos, estavam normais. Ele ao ver que o olhava, sorriu, e lhe disse:

— Já que você está aqui, podemos continuar, — sorriu peralta e começou tudo outra vez.



CAPÍTULO VI

Gunnar estava muito zangado, e Lynnae conhecia o suficiente de seu marido para saber que, quando ele estava assim, tudo era possível. Tentou preencher sua falta de diálogo com os "convidados", embora soubesse que todos se deram conta de que não eram bem-vindos. Mas o conde Sveinn era o chefe local, e possuía muita influência na ilha.

Apesar de Gunnar não estar diretamente sob sua autoridade, devido a sua posição como antigo Chefe do Exército Real, sabia que deviam colaborar com ele no que pudesse.

O conde era um homem estranho, apesar de estar casado e com filhos, não lhes passara despercebido, nem a Gunnar, nem a Lynnae, que estava enrabichado de um dos dois primos de Nilsa. Estavam jantando no salão do castelo, já que todo o grupo se apresentou ali, sem prévio aviso, quando iam começar a jantar, por isso não tiveram mais remédio do que convidá-los para passar a noite. Esse era o motivo pelo qual Gunnar estava com vontade de saltar em cima de algum deles, e lhes fatiar o pescoço.

Até agora a conversa havia tratado de assuntos sem importância, mas Gunnar sabia que assim que jantassem, aquilo mudaria. Depois de que os criados recolheram a mesa, e os deixaram sozinhos, pediu para sua mulher que os deixasse. Lynnae o olhou indignada, queria ficar a seu lado, mas o atendeu sem reclamar, o que, se estivessem sozinhos não aconteceria.

Havia soldados na sala, quatro de pé, vigiando, além de vários mais no corredor e fora do castelo. Ele dera a ordem de que nenhum fosse dormir naquela noite. Sveinn os olhou, dando um gole à bebida e sorrindo,

— Tem alguns espécimes estupendos Gunnar, embora eu veja que aqui sejam um desperdício, você não sabe apreciá-los. — Assinalou para um soldado que estava de pé junto à entrada, e que afastou o olhar, incomodado. Gunnar escolhera pessoalmente a todos seus homens, e sabia que desprezavam o conde, porque ele sempre se aproveitou de seu poder para enriquecer, prejudicando aos mais fracos. Sveinn apertou os dentes ao ver o desprezo do soldado.

— Já vejo que são como você. — Gunnar sorriu mostrando os dentes, em sua postura mais ameaçadora. Com sua mulher a salvo em seus aposentos, protegida por dois de seus soldados que guardavam sua porta, já se sentia livre. Bebeu um gole de hidromel, e voltou a deixar pausadamente o copo na mesa.

— Acredito que você tem razão, tanto eles quanto eu, temos bom gosto. — Olhou para Sveinn, era um homem baixo, com uma grande barriga, e totalmente calvo. Os acompanhantes do conde inspiraram, assombrados pela

valentia de Gunnar, todos sabiam que o conde não era um homem que perdoasse alguma ofensa.

— Parece-me que se excede ao medir sua importância, Gunnar, você é somente um representante do rei que, para as pessoas desta ilha não significa nada. Veio e irá, como todos os anteriores a você. — Gunnar voltou a sorrir tranquilo. Sveinn não conseguiu evitar um calafrio, ao ver aquele rosto desfigurado sorrir.

— É possível, mas também pode ser que você vá antes de mim, — depois, olhou para todos — tudo isto me aborrece mortalmente, se quiserem dizer algo, digam, senão, acredito que o melhor é irem dormir, e amanhã sigam seu caminho. E a próxima vez Sveinn, — olhou-o nos olhos, mostrando-lhe parte da fúria do *berserker,* — se quiser vir a minha casa, espere que eu lhe convide, é possível, que, senão fizer, não saía tão bem atendido.

Nem o tio, nem os primos se atreveram a dizer alguma coisa, mas Sveinn, apesar das palavras de Gunnar, continuou falando. Possuía muito interesse naquele assunto, não o deixaria passar, de qualquer jeito. Precisava do dinheiro que tiraria da garota.

— Então, segundo sua mulher e você Gunnar, a moça escapou no dia seguinte ao que vieram estes...— assinalou ao tio e os dois primos irônico, — carinhosos familiares.

— Não é exatamente como eu os chamaria, mas sim, no dia seguinte havia desaparecido.

— Compreendo, — o sorriso que adornou seu rosto foi uma declaração de guerra, e Gunnar o aceitou como tal. —

Suponho que não sabe nada da vida da garota.

— Não, nós a conhecemos sempre como muda, não falou nunca. É uma criada a mais — Sveinn o olhou com incredulidade, mas decidiu não dizer mais nada. Se não sabiam quem ela era, melhor para ele. Mas precisava encontrá-la, custasse o que custasse. A recompensa que suporia encontrar aquela menina seria suficiente para viver como um rei, ele e toda sua descendência durante séculos.

— Está bem, nos retiraremos agora, se lhes parecer bem. — Olhou à família de Nilsa, que o imitaram. Mantiveram-se em silêncio, como ele havia ordenado antes de chegar.

— É claro. — Gunnar fez um gesto aos soldados da entrada, para que eles os seguissem e se assegurassem, de que não se movessem de seus aposentos. Posicionara todos seus homens para que não pudessem lhe fazer nenhuma armadilha, ele não confiava em nenhum de seus “convidados” dessa noite. Ele também não dormiria, ficaria no salão, junto ao fogo, vigiando. Foi avisar sua mulher para que ela não o esperasse, enquanto planejava o que deveria fazer no dia seguinte. Era evidente que havia algo muito importante a respeito de Nilsa, que deviam averiguar.

****

— Aonde você vai? — Ela se voltou com ar culpado, estava de pé. Apesar de saber que ele enlouqueceu no dia anterior, por ela ter saído sozinha, ela quase voltou a fazer. Mas precisava sair, olhou-o com o rosto angustiado, e ele a entendeu.

— Por que não me avisou? — Colocou as calças, e Nilsa

vestiu sua camisa por cima, era mais rápido. E pelo rosto dela, era urgente que saísse. Depois, agarrou-a pela mão, e a levou para longe da casa, onde começava o bosque. Assinalou alguns arbustos e lhe disse:

— Este é um bom lugar, eu a esperarei aqui. — Ela assentiu e caminhou até que ele não a visse, não aguentava mais. Quando terminou, ele também parecia ter satisfeito sua própria urgência. Começou a caminhar para casa, mas Rognvald a segurou pelo braço. Estava muito sério.

— Machuquei você ontem à noite? — Ela negou com a cabeça, mas ele não deixou que partisse. Levantou seu queixo com a mão, meigamente, precisava ver seus olhos.

— Fale Nilsa, quero escutar sua voz, e me diga a verdade, — seu tom era carinhoso, por isso ela tentou, durante alguns momentos abriu a boca, mas a voz não saía, e ela se desesperou. Rognvald, entretanto, esperava paciente, ela, ao ver a confiança que ele sentia, conseguiu dizer:

— No começo sim. — Sua própria voz lhe soava estranha, como se pertencesse a outra pessoa. Mas ele sorriu encantado de escutá-la.

— Tem a voz mais bonita que já escutei, é doce, como você. — Ela se ruborizou ao escutá-lo. Sentia outra vez aquele calor tão estranho no ventre, voltou a tentar ir para casa, mas ele voltou a segurá-la.

— Merece um beijo por falar comigo, além disso, não nos saudamos como é devido. — Abraçou-a, e afastou as mechas de cabelo de seu rosto, que a tapavam por causa do vento. — Você é linda.

— Não sou, sou... normal, um pouco feia, — ele sorriu ao escutá-la.

— Dedicarei todo o tempo que for preciso, para lhe demonstrar que tenho razão. — Ele se inclinou sobre ela e lhe deu um longo beijo, úmido e quente, até que precisaram se separar para respirar. — Bom dia! — Ela sorriu por causa do rosto malicioso dele e respondeu, com dificuldade.

— Bom dia. — Ele a levou à cozinha da casa, e se sentou em uma das duas cadeiras. Colocou-a em cima de seus joelhos, entrelaçou suas mãos, e lhe disse: — Temos comida para hoje, e não temos nada urgente para fazer. — Ela se perdeu em seus olhos. — Agora que pode falar, preciso que me conte o que lhe aconteceu quando pequena. Preciso saber para protegê-la. — Ela o olhou assustada, nunca contara para ninguém. Não sabia se estava preparada para isso.

— Posso me vestir? — conseguir dizer à outra pessoa o que queria, ou o que pensava, era maravilhoso. Faltava somente que ela mesma se acostumasse ao retumbar de sua própria voz no peito, e a seu som dentro da cabeça. Ele concordou.

— Sim, será melhor que nós coloquemos a roupa.

Um momento depois, os dois estavam vestidos, e sentados na sala, com uma infusão cada um, em silêncio. Nilsa tentava ordenar suas ideias, como não falava, desde muitos anos, com ninguém, não estava acostumada.

— Não sei como contar, — ela temia que ele não a entendesse. Ele pegou sua mão com a dele, protegendo-a.

— Não tenha medo de mim, nunca, nem de me contar

nada, por favor. — Olhou-a nos olhos para que ela visse a verdade do que havia em seu coração. — Quero saber, para poder protegê-la, por nada mais. Nunca a julgarei, conheço você, vi seu interior. — Ela estava surpresa, e ele sorriu um pouco arrependido. — Com o tempo, você também poderá ver. Poderá ver o que há dentro de mim, precisa somente desejar.

— Está bem, contarei. — Sua voz soava muito rouca, certamente por não a utilizar habitualmente, — não sei como falar com as pessoas, não precisei durante muitos anos, — pensou alguns segundos em como explicar, para que ele entendesse.

— Meu pai morreu quando eu era muito criança, minha mãe e eu vivíamos em uma casa muito grande, não me lembro aonde, mas acredito que era no campo, — ficou calada tentando se recordar, mas não foi capaz, sempre lhe acontecia a mesma coisa quando tentava lembrar o lugar exato.

— Havia serviçais, cavalos...lembra-se? — Ela assentiu.

— Sim, sim, havia serviçais, e cavalos também, lembro que, desde pequena, começaram a me ensinar a montar. — Ela sorriu ao se recordar de braços muito fortes que a subiram a um cavalo, e o homem que subiu atrás. Levou-a para dar um passeio, e ela ria sem parar. Seu pai, o homem que a levava, também ria com ela. — Era meu pai— comentou maravilhada, não havia se lembrado até então, nunca conseguira se lembrar de seu pai.

— E lembra-se da sua mãe? — Ela assentiu.

— Sim, era muito bonita, e não se importava de se atirar ao chão para brincar comigo. Amava-me muito, — ela se sentia

muito bem, ao conseguir falar com alguém de todas as lembranças que flutuavam em sua mente, e com os quais costumava sonhar.

— Pois claro, quem não a amaria? — Olhou para ele para ver se por acaso ele estava brincando, mas parecia estar falando totalmente a sério, como se realmente não pudesse entender que alguém não a quisesse.

Rognvald estava fascinado por ela, observou como ela inclinava a cabeça aturdida, era evidente que não estava acostumada a receber adulações. Sentia-se muito afortunado, começava a sentir que um pouco daquela frieza que habitava em seu interior há muito tempo, começava a se derreter. Sorriu meigamente ao ver como ela escolhia as palavras, pouco acostumada a que elas saíssem de sua boca para chegar a outra pessoa.

— Vivi com minha mãe até os nove anos, — um grito arrepiante, lembrança daquela noite, penetrou em sua cabeça. Fechou os olhos tentando se livrar daquele medo, que a dominara tantos anos. Esticou o silêncio alguns segundos, Rognvald sabia que ela precisava de tempo, e ele lhe daria. Quando ela se tranquilizou de novo, continuou:

— Uma noite, despertei ao escutar vozes, lá em baixo, no salão. Era minha mãe, discutia com um homem. Eu ia descer, porque ele estava machucando-a, — ela voltou a abstrair-se na lembrança. Sua babá, agarrou-a pelos braços e lhe tapou a boca, para que ela não gritasse e não as descobrissem. Mas não conseguiu impedir que ela visse como, aquele homem, apunhalava sua mãe, várias vezes, até deixá-la sem vida.

Olhou para Rognvald, então se deu conta de que falara em voz alta.

— Matou-a, e eu vi entende? Eu tentava gritar, mas minha babá não me deixava. Depois daquela noite parei de falar. — Duas lágrimas caíam por seu formoso rosto e Rognvald escutou ruído de cavalos.

— Espere aqui Nilsa, venho em seguida, — agarrou a espada e abriu a porta. Era seu irmão, com a mulher, e alguns soldados. Algo muito grave devia ter acontecido, para que eles viessem. Ficou com receio, escutando a história de Nilsa, que tivessem voltado a aparecer seus malditos familiares.

Recebeu-lhes com um abraço, e os fez entrar, não quis lhes dizer nada, para não estragar a surpresa. Embora não fosse um bom momento para celebrar, era uma boa notícia, entre tanta imundície.

Lynnae foi primeira em entrar e saudar Nilsa, que se levantou para abraçá-la, sorridente, embora ainda com os olhos chorosos, enquanto lhe dizia:

— Lynnae! — Tanto Lynnae quanto Gunnar quase desmaiaram. As duas amigas se abraçaram gritando emocionadas, e Rognvald fez um gesto a todos para que se sentassem. Era urgente que soubessem a verdade, mas Lynnae levantou a mão direita para que lhe dessem atenção, no meio da gritaria que foi armada:

— Por favor! Antes de mais nada, preciso que me contem como é possível que Nilsa fale. — Rognvald se calou, e olhou para sua mulher, porque era evidente para todos que ela era.

— Bom, a verdade, é que um javali me atacou, e eu gritei

seu nome. Então, Rognvald insistiu para que eu continuasse falando. — Lynnae voltou a abraçar sua amiga, e Gunnar olhou para seu irmão, notava em seu olhar que, finalmente, encontrara em Nilsa a metade de sua alma. Piscou emocionado, ao sentir que, seu irmão, já não corria perigo. Rognvald, ao vê-lo, pigarreou; corriam o risco de ficar muito sentimentais, e havia algo muito importante para tratar.

— Nilsa estava me contando algo que viu quando pequena em sua casa: assassinaram a mãe dela e ela viu tudo, embora tivesse somente nove anos. — Gunnar fez a pergunta que estava na mente de todos.

— Foi algum dos homens que foram vê-la? — Ela assentiu.

— No início eu não soube do que ele me recordava, só que minha mente o rechaçava, mas quando ele me agarrou pelo braço, eu soube. Ele agarrou minha mãe também assim quando a segurou, antes de apunhalá-la, — ela soluçou limpando os olhos, — mas não acredito que ele seja meu tio, eu não o havia visto até então. Não somos família, minha mãe não possuía família.

— Temo que você esteja equivocada. — Gunnar olhou para Rognvald, e este soube que as notícias eram muito preocupantes.

— Na realidade, são seu tio e seus primos, investiguei sobre sua família. Sua mãe se chamava Heila de Pomerania, e era irmã de Wartislaw I, o atual rei da Pomerania. — Nilsa o olhava com os olhos arregalados; — e Horik, era irmão dela, e também de Wartislaw, embora somente por parte de pai.

Portanto, é verdade que seja seu tio.

— Isso eu soube por um vizinho, que esteve na corte naquela época, sua mãe era herdeira de um dote gigantesco, que lhe foi deixado por sua própria mãe, sua avó, Ida de Dinamarca. Seu tio, o rei, esteve procurando você, incansavelmente, para que recuperasse o que lhe pertencia. Se não aparecesse, seus dois tios, Wartislaw e Horik, herdariam todas as suas riquezas.

— Matarei eles, — Rognvald parecia a ponto de se transformar. Gunnar ao vê-lo se levantou de um salto para colocar-se diante de sua mulher, mas Nilsa lhe fez um gesto com a cabeça para que não se movesse, e ela, ao contrário, levantou-se e se aproximou devagar de seu viking.

Rognvald a olhou entre uma bruma azul, ele estava mais tranquilo do que algumas horas antes, quando cresceram as garras, e até apareceram dentes afiados, mas o *berserker* queria tomar o controle. Repassou os dentes com a língua, no momento estavam normais, iguais a quando era inteiramente humano. Observou-a se aproximar com um sorriso em seus lábios, parecia não o temer. Parou em frente a ele, que continuava sentado, tão perto, que seu vestido roçava as botas dele. Levantou uma mão, tranquila, e lhe acariciou a cabeça devagar.

— Rognvald, está assustando seu irmão, e minha amiga Lynnae, — ele olhou para Gunnar e sorriu irônico ao vê-lo preocupado. Não sabia que antes ele se mataria, do que fazer mal a qualquer um deles? Então voltou o olhar para sua mulher, que sim, sabia; ela não sabia como, mas sabia que ele

nunca os machucaria. Então ela agarrou uma de suas mãos, entre as dela e a beijou, e a transformação retrocedeu, até ele voltar à normalidade. Gunnar o olhava assombrado.

— Irmão! Você se transformou e retrocedeu! Eu acreditava que isso não fosse possível! — Rognvald encolheu os ombros, um pouco envergonhado. Transformava-se e já fazia tempo, embora nunca tivesse contado, ele conseguira ocultar de todo mundo. Mas nesta ocasião, fora impossível controlar-se, pela profundidade de seus sentimentos por ela.

— Ouço-lhes perfeitamente nesse estado, mas é como se uma bruma azul me cobrisse a visão e o cérebro. Quando estou assim, é mais difícil controlar os impulsos, mas acredito que consegui. — Ele fez um gesto com a mão diminuindo a importância daquilo. — Prefiro que Nilsa continue nos contando o que lhe aconteceu, é o que é realmente importante.

Gunnar o olhou com os olhos entrecerrados, assegurando-lhe que teriam uma longa conversa sobre aquele tema, a sós. Mas se dobrou a seu desejo e perguntou a Nilsa:

— Conte-nos o que houve depois? Como você conseguiu fugir? — Ela continuou com sua história

— Gerda, que era minha babá, bendita seja, desceu-me pela escada dos fundos até os estábulos, levando-me nos braços, onde pegamos um cavalo e fugimos. Ao sair, vimos que eles haviam matado aos guardas, — ela ficou um momento pensando, e, depois, continuou: — acredito que fizemos uma viagem de navio, mas não tenho certeza, há partes que não sei se foram reais. Eu era muito pequena, acredito que somente nove anos.

— Sim, tiveram que fugir de navio, — Gunnar apostilou. — Era imprescindível para que chegassem até aqui. E depois?

— Gerda sempre me dizia que nunca dissesse a ninguém quem eu era, mas ela não precisava se preocupar, porque eu havia deixado de falar. Acostumei-me a ser muda, era mais fácil não me delatar. Desde o começo, ficamos trabalhando como faxineiras, mas ela morreu durante um inverno, anos depois, eu era bem maior. Ela me fez prometer que não tentaria voltar para minha casa, temia o que meu tio poderia fazer.

Todos ficaram em silêncio depois de escutá-la. Agora entendiam o que acontecera.

— E seus primos, viu-os aquela noite? — Embora ela dissesse que não, Rognvald acrescentou:

— Pode ser que fossem muito pequenos para participar, — Gunnar assentiu.

— Sim, agora devem ter uns vinte anos, aproximadamente.

— Bem, e agora o que vai acontecer? — Rognvald precisava de informação para conseguir protegê-la, se fosse necessário, escapariam da ilha. Mas ela devia estar a salvo.

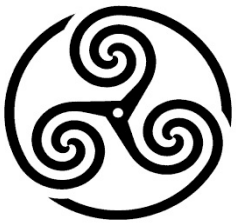
— Consegui que se fossem novamente, apesar de terem vindo com o conde Sveinn, um homem muito influente na ilha, e muito perigoso. Já mandei uma mensagem ao rei Felipe, para lhe pedir ajuda, ele conhece o rei Wartislaw, seu tio. Devem permanecer aqui uma temporada, — ele franziu o cenho de repente, — o que não entendo, é como souberam que Nilsa continuava viva e onde ela estava.

— Pois eu sim, — Lynnae parecia muito segura, voltou-se

para sua amiga. — Nilsa você se parece com sua mãe?

— Sou igual a ela, quando vejo meu reflexo, sorrio porque parece que volto a vê-la. — Lynnae então olhou para seu marido.

— A festa que você deu com sua concubina, no ano passado, — sorriu sarcástica ao se recordar, que foi justamente por aquela festa que ela soube que existia aquela mulher na vida dele. Ele a olhou suspicaz, sabendo que a frase não podia continuar com nada de bom. Aquela relação fizera com que eles discutissem muito frequentemente. — Veio muita gente do continente, inclusive os reis, com gente da corte. Possivelmente veio alguém que conhecia sua mãe, e que viu a semelhança. — Os quatro se olharam uns aos outros, era possível que ela tivesse razão.



CAPÍTULO VII

Gunnar, Lynnae e os soldados, se foram antes que anoitecesse, deixando-os sozinhos. Nilsa estava muito calada, dando voltas em tudo, em sua cabeça. Rognvald pensava nos minutos nos quais estivera falando com seu irmão, a sós.

— Irmão, precisamos voltar, se por acaso aparecer Sveinn, ou alguém enviado por ele. Não quero que imaginem que ela está por perto. — Rognvald assentiu e lhe disse:

— Obrigado por tudo Gunnar, já viu o perto que estive de morrer, se não fosse pela Nilsa... — sem ela, não haveria esperança para ele.

— Esqueça, você é meu irmão, sempre farei tudo o que puder por você, e você sabe. Escute, há algo que não quis contar diante dela, tenho certeza de que querem casá-la e assim arrebatar seu dote. Depois, não acredito que permaneça viva.

— Terão que me matar! — Gunnar o entendia perfeitamente. Escutou as mulheres que chegavam, e deu um abraço em seu irmão, lhe dizendo ao ouvido:

— Não se mova daqui até que eu o avise, mas tome cuidado, pode ser que descubram este lugar. — Rognvald assentiu, e devolveu o abraço a Gunnar.

Os soldados já estavam a cavalo esperando, a viagem era de duas horas, nada mais, chegariam em casa quando tivesse anoitecido. Lynnae montou em seu cavalo e se despediu deles com um sorriso triste. Pensava em quanto gostaria que pudessem voltar todos juntos ao castelo.

Nilsa o agarrou pela mão timidamente, enquanto observavam o galope dos cavalos. Um movimento pela direita chamou a atenção deles, era Declan, que vinha com uma cesta.

— Tenham uma boa tarde os dois, trouxe-lhes algumas frutas, pensei que a dama poderia gostar.

Nilsa se abaixou para ver o que ele trazia, não estava acostumada a comer frutas pois era um luxo só ao alcance dos mais ricos.

— Muito obrigada Declan! — O monge ficou lívido.

— Mas... você fala? — Ela assentiu timidamente, e continuou olhando as peças que ele trouxera. Algumas nem sequer eram conhecidas.

Rognvald sabia que Declan estava atrás da carne de cervo, e decidiu parar de fazê-lo sofrer.

— Declan, vamos ao depósito, então lhe darei carne, em troca desta fruta e das verduras de ontem. — O moço não tentou disfarçar, sua face se transformou em um grande sorriso, e ele se aproximou do viking, desejando acompanhá-lo.

— Nilsa, venha você também, — ela não parecia muito decidida, queria ir à cozinha e guardar as frutas, além disso,

precisava preparar o jantar. Mas vendo o olhar de Rognvald perdeu a vontade de discutir.

Rognvald não a deixaria fora de sua visão nem por um momento, até que tudo passasse.

Os três se encaminharam ao depósito, para buscar a carne que Declan levaria.

Naquela noite jantaram no monastério, com a companhia dos doze monges que habitavam o edifício. Sentaram-se à mesa do Padre Prior, por quem haviam sido convidados. O jantar foi bastante frugal, excetuando a bebida, que era vinho. Rongvald, com um sorriso travesso, preencheu duas vezes a taça de Nilsa, que o advertia baixinho, dizendo-lhe que não queria mais. Mas a verdade era que estava gostando muito do vinho, não havia provado até essa noite, mas gostou mais do que da cerveja.

— Você é uma má influência, — ele se virou para ela, estava falando com o Prior sobre a possibilidade de colocar novamente a cervejaria em funcionamento, e de levar para Visby a bebida que fosse fabricada para vendê-la. Olhou-a alguns segundos, antes de sussurrar em seu ouvido.

— Acabe de jantar, porque vamos para casa, não aguento mais, — o olhar que lhe lançou era de pura luxúria. Nilsa pegou a taça novamente e sorveu o vinho, lambeu os lábios, e suspirou feliz, pensando na noite que lhe esperava.

Depois de acertar com o monge que continuariam falando de negócios outro dia, foram para casa. Rognvald precisou ajudá-la a andar em linha reta.

— Não sei o que houve, mas tudo se move, e como é possível que uma casa se mova? — Ela olhou a porta da casa,

que parecia dançar. Ele riu brandamente, agarrando-a nos braços, Nilsa soltou um pequeno grito de susto, e se agarrou ao pescoço dele.

— Tenho medo de que você caia, e estrague nossa noite. Ainda temos muitas coisas para fazer. — Nilsa com o dedo indicador, seguiu o contorno de seus lábios, ele o chupou e ela gemeu de prazer quando ele o fez. Depois, ele o mordeu, não muito forte, o suficiente, para que ela sentisse uma chicotada que percorria seu corpo. Ele voltou a chupá-lo, acalmando a dor que havia produzido. Nilsa teve uma ideia malvada, já estavam chegando, e logo não se atreveria a fazer nada, mas agora, em seus braços se sentia valente. Inclinou-se até seu pescoço, e pegando o lóbulo da orelha dele, mordeu, como ele fizera com seu dedo.

Rognvald parou, enquanto notava aquele prazer que lhe descia pela coluna, e que fez com que seu pênis se erguesse, até as calças lhe parecerem incômodas. Precisava senti-la debaixo dele, e penetrá-la. Beijou-a profundamente, mordiscando seus lábios, e percorreu o resto do caminho quase correndo.

Já na casa, fechou a porta com a perna, e a deitou com cuidado no colchão, muito maior agora, porque ele havia unido os dois. Tirou a roupa e a despiu, depois, avivou o fogo, sabia que ela costumava sentir frio, e a primeira coisa era a comodidade dela.

****

Nilsa estava muito à vontade, imaginava que passeava por

um campo enorme de flores com Rognvald, enquanto fazia um ramo com elas. Ele ria, e ela também, mas algo a separou daquele sonho. Sentiu um roçar no rosto e abriu os olhos. Largos dedos se moviam sob a ponte de seu nariz, passearam por sua bochecha e desceram até seu queixo.

Rognvald estava totalmente concentrado em explorar seu rosto. Estava com os olhos abertos, de um azul brilhante, mas tranquilos. Seus ombros gigantescos lhe tapavam a visão do resto do aposento. Ele era enorme, e muito forte, e ela se sentia muito segura a seu lado.

A primeira vez que se aproximou dela nu e teve oportunidade de tocá-lo, ficou impressionada, inclusive assustada. Nem sequer o fino pelo loiro que cobria todo seu corpo, podia dissimular seus fortes músculos.

Rognvald passou a acariciar seus lábios, fascinado por ela.

— Você é tão linda. — Ele lhe acariciou o lábio inferior com o dedo polegar. Ela sorriu, sabia que não era, mas lhe agradava que parecesse bela para ele.

Beijou-a de novo, adorava fazê-lo, e suas línguas dançaram juntas. Ela notou seu coração acelerar ao se recordar do que havia sentido, as duas vezes que estiveram juntos.

— Preciso foder você, hoje será um pouco mais duro, poderá aguentar? — Ela assentiu. Molhava-se somente de escutá-lo. — Você é minha Nilsa, nunca, jamais, outro homem a tocará.

— E a você? — Ele a olhou sem saber o que ela queria dizer

— Deixará que outra mulher lhe toque algum dia? — Ele moveu a cabeça.

— Não poderia suportar que outra, que não fosse você, me tocasse. Pertenço somente a você, por isso, se algum dia você me abandonar, eu morreria. — As últimas palavras foram ditas com a voz do outro, seus olhos também haviam mudado. Nilsa se sentiu excitada ao saber que, por ela, produzia-se a mudança.

— Nunca o abandonarei Rognvald, eu também me sinto assim, não sei porquê. — Ela sussurrou, não sabia que confessaria aquilo, até esse momento, mas se alegrou de tê-lo feito. Ele mostrou tal cara de felicidade, que ela se sentiu muito orgulhosa de ter dito.

Ele pousou seus lábios quentes e famintos sobre os dela, enquanto afundava a outra mão em seu cabelo. Sua excitação nunca fora tão grande, e ela estava preparada para ela, desejando que ele a preenchesse.

— Torça um pouco a cabeça, — ele a colocou com sua mão, como queria, — assim, — deu-lhe um beijo do lado do pescoço, e depois o lambeu, de cima abaixo. Ela deixou cair a cabeça, enquanto a língua dele a percorria.

— Quero lamber você inteira, — ele murmurou, e começou a fazê-lo. O corpo de Nilsa foi percorrido por sua língua, e seus dentes, mas não parou até que o teve percorrido inteiramente. Ela gemia retorcendo-se, desejando tocá-lo, mas ele não a deixava. Quando ela gozou, Rognvald estava com dois dedos dentro dela, e chupava um seio abrangendo-o inteiramente com sua boca. Nilsa, gemeu satisfeita e esgotada, embora

soubesse que ainda não haviam terminado.

Um som grave, surgido da parte mais profunda do peito dele, retumbou no aposento. Rognvald se inclinou para ela, estivera chupando seus sucos, e agora os lambia de seus dedos, entusiasmado. Colocou-se de joelhos entre suas pernas, e as separou, observando seu sexo alguns instantes, como se fosse sua salvação. E possivelmente fosse.

Nilsa sentiu a rajada de calor que saía dele, e que chegava até ela, já havia notado com antecedência, era como estar junto ao fogo, mas este calor a excitava.

Rognvald respirou profundamente, tentando se acalmar, não poderia esperar muito tempo antes de penetrá-la.

— Seu aroma faz com que eu fique duro, — ele sussurrou.

Ela se arqueou, empurrando seus seios para cima, e deixou escapar um pequeno gemido.

— Por todos os deuses! Adoro esse som, — disse ele, subindo a mão até a base de sua garganta. — Faça de novo para mim, Nilsa. Lambeu delicadamente seu pescoço. Ela o satisfez.

— Assim, — gemeu ele, — por todos os deuses! Isso.

Aproximou-se de sua clavícula, mordendo-a ligeiramente, sem arranhar a pele. Depois passou sua língua sobre a vermelhidão com uma úmida carícia, e se deslocou para baixo, a seu seio.

Beijou-lhe a parte superior do seio, depois tomou o mamilo em sua boca, ela se arqueou de novo, sentindo como se um dique houvesse se rompido entre suas pernas. Ela gozou outra vez sem ele penetrá-la.

— Rognvald! — Ela suplicou, esticou as mãos para que ele deitasse sobre ela, e ele o fez no mesmo momento.

— Só precisa pedir, *min elskede*, — então ele a penetrou, e foi como se nunca antes o tivesse feito. Olharam-se nos olhos todo o tempo, enquanto seus corpos dançavam ao som da mesma melodia. Rognvald suava, retendo seu prazer até que chegasse o da sua alma gêmea. Ela não podia mais suportar a excitação, então ele, para acelerar o orgasmo de sua mulher, tomou seus clitóris entre dois dedos e apertou ligeiramente, e ela voltou a voar. Ao sentir as contrações que rodeavam seu membro, ele também gozou, deixando-se cair em cima dela.

Assim que conseguiu, afastou-se a um lado, e a atraiu para ele. Não podia suportar não a ter entre seus braços. Pensou que dormiriam no momento, mas não ocorreu. Inesperadamente, Nilsa sentiu que havia passado o efeito do vinho, e estava mais acordada do que nunca. Ficou confortável, apoiando a cabeça no ombro dele, e se sentiu feliz quando ele procurou sua mão, para entrelaçar seus dedos com a dele.

— Você está feliz? — Parecia mentira que para alguém importasse que ela fosse, ele levantou a cabeça, alarmado ao notar que ela chorava.

— O que houve? — Ela não sabia como lhe responder, sentia tantas emoções que não sabia como explicá-las. Tudo fora tão rápido, não sabia como era possível que se sentisse dessa maneira em tão pouco tempo, ele pareceu intuir suas dúvidas…

— Nilsa, quero que me escute meu amor, — ela abriu os olhos sobressaltada, — já a chamei assim antes, é o que

significa *min elskede* no idioma antigo. Estou acostumado a escutar meu pai, dizer para minha mãe. Eles se amam muito sabe? — Olhou para suas mãos unidas. — Sempre achei normal que um homem declare seu amor para sua companheira, mas não acreditava que eu a encontraria. — Ele sorriu, de repente um pouco envergonhado. — Sabe como pode ter certeza de que você é a escolhida para mim, e eu para você? — Ela negou com a cabeça.

— Porque você é a única pessoa que me viu totalmente transformado, e não sentiu medo. Tenho certeza de que ficou impressionada, mas por que não se assustou? Tenho certeza que, se eu ver alguém assim, eu morro de medo, — ele brincava, embora ela soubesse que isto era muito importante para ele.

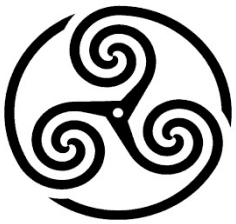
— Como você diz, impressionou-me muito vê-lo, principalmente a primeira vez, — ela olhou suas mãos, — não conseguia parar de olhar suas mãos, mas quando vi seus olhos, apesar daquele azul estranho, vi você. — Ele a olhou e lhe deu um beijo na bochecha. — Você estava lá, reconheci você. E quando aconteceu diante de Gunnar e Lynnae, dei-me conta de que fica assim quando se preocupa comigo, ou fica furioso. É assim? — ele assentiu.

— Se lhe acontecesse alguma coisa, eu não poderia viver, — ela voltou a beijá-lo na bochecha, e se recostou sobre seu ombro, feliz. Ele a havia entendido bem.

— Pensa que se um dia estivéssemos separados poderíamos nos comunicar? — Dava-lhe medo que aquilo pudesse ocorrer, e ele a abraçou mais forte.

— Sim. Se isso ocorrer, chame-me com sua mente, e resista Nilsa, ouviu-me? — Ele ficou muito sério, — eu a encontrarei onde você estiver, eu juro.

— Eu também não poderia resistir que nos separassem. Agora não, — ela o olhou com os olhos úmidos, ao recordar a morte de sua mãe, e ele a beijou para fazê-la esquecer.



CAPÍTULO VIII

Vários dias depois, Rognvald falava com o Prior no depósito, enquanto alguns monges limpavam o chão. Outro grupo, junto com Nilsa fazia o mesmo na cervejaria. Ao final, entre todos, incluindo Nilsa, convenceram-no para voltar a colocá-la em funcionamento. Já havia ido uma manhã fazia um par de dias a Gothem, para comprar uma parelha de carroças e cavalos, e assim poder transportar a cerveja aos povoados, se tudo saísse bem.

Sua atenção estava fixa no religioso, que voltava a dizer que os monges mais jovens, não queriam cuidar do pomar. Todos queriam trabalhar unicamente na cervejaria, então escutou a risada dela. Seu sorriso aflorou à sua boca instantaneamente, não podia evitar. A risada alegre de Nilsa, cada vez mais desinibida, fazia-o sorrir.

Ela era outra mulher. Aquela que ele havia conhecido, que abaixava a cabeça continuamente, e que não falava pelo que havia acontecido em sua infância, havia mudado. Agora, duas semanas depois, ela era uma companheira carinhosa, risonha,

inclusive na intimidade, e em certas ocasiões, travessa.

— Rognvald, todos estamos muito contentes, mas lhe peço que, quando falar com os irmãos, também lhes diga que o acordo é, que podem trabalhar aqui, se não deixarem de cumprir com suas obrigações em nossa casa.

Assentiu sem lhe dar muita atenção, ainda com o sorriso na boca, porque havia escutado seus passos, melhor, sua corrida. Efetivamente, Nilsa se aproximou correndo.

— Bom dia padre prior. — O monge a saudou e se foi sabendo que já era impossível que algum dos dois lhe desse atenção.

Ela se colocou diante ele, com as mãos enlaçadas, e lhe disse:

— Saiu um camundongo de debaixo de uma caixa, e não queira saber o salto que Declan deu! Ele se ofendeu muito porque ri. — Ela colocou as mãos nos ombros de Rognvald, respirando fundo. Estava cansada não havia parado em toda a manhã. Ela o olhou nos olhos.

Rognvald mudara muito, desde que ela o conhecera. Em vez do homem duro, e antissocial, que ela conheceu na casa de Gunnar, agora ele era carinhoso, paciente, e estava sempre atento a ela. Nilsa era muito feliz, mais do que nunca em sua vida. Sorriu olhando-o.

— Tenho fome, quando vamos comer? — Ele sorriu, este assunto era sempre motivo de brincadeira.

— Ai! Se eu soubesse o quanto você comia antes de nossa união! — Ele suspirou brincando, sempre lhe dizia que comia mais que ele. Ela lhe deu um puxão inofensivo na orelha, antes

ela fazia aquilo com a barba, mas ele havia tirado. Inclusive estivera cortando o cabelo no dia anterior. Estava muito bonito.

— É mentira! Eu não como muito, o suficiente para trabalhar, — ela lhe mostrou a língua, mas ele estava preparado, e se abaixou rapidamente, e a chupou com sua boca, ela ofegou, porque não esperava aquilo. Soltou uma risada na boca dele, e enlaçou sua nuca com as mãos, mas se jogou para trás ao se recordar por que viera correndo,

— Rognvald! Eu me esqueci, Declan disse que nos esperam para jantar esta noite, — ele voltou a atraí-la para si, pouco se importando onde jantariam. Continuou beijando-a e os dois pararam de pensar em algo mais.

****

O jantar foi uma celebração, pela primeira vez, foi preparada pelos monges mais jovens, querendo tratar com atenção seus convidados, emocionados pelo trabalho que realizariam. Estavam cansados de cultivar o pomar. Naquela noite, foi permitido falar no jantar, o que não era habitual. E a todos os irmãos foi permitido beber meia taça de vinho.

O monge a quem tocava ler o evangelho começou a fazê-lo e todos se calaram escutando, Rognvald observou como Nilsa se benzia. Então, lembrou-se de uma conversa que teve com sua mãe, em que ela lhe disse que não se considerou casada, até que passou pelo rito católico.

Ele ficou pensativo um momento, para ele não era importante, ele crescera rodeado de ensinamentos sobre Thor e Odín, ao mesmo tempo que do Deus cristão. Uma vez ele havia

perguntado para seu pai em qual dos dois ele acreditava, e este, depois de rir da pergunta de um menino tão pequeno, respondeu-lhe:

— Seja qual for o verdadeiro, o importante é que meu céu será onde sua mãe estiver. Não desejo nada mais, para mim, ela é meu céu cristão e meu Valhalla viking, — sorriu — ela é meu tudo.

Essas frases haviam ficado gravadas em sua cabeça. Ele se virou para o padre prior, para lhe fazer um pedido, o monge, depois de alguns instantes de hesitação, olhou fixamente para o viking que aprendera a respeitar em tão pouco tempo, e aceitou.

Nilsa se despediu de todos, mas Rognvald a levava em direção contrária à saída, estavam seguindo o Prior através de um corredor que ela não conhecia.

— Aonde vamos? — Ele somente a olhou sorridente e continuou puxando-a pela mão, para que lhe seguisse. Ela encolheu os ombros e não disse nada mais, certamente seria alguma coisa para a cervejaria.

Mas não era nada disso, porque entraram na capela, o monge foi para o altar, pegou um livro e se benzeu, e deu a volta para esperá-los. Inclinou a cabeça para Rognvald que se voltou para ela, e pegou suas mãos entre as dele, e disse:

— Nilsa, quero que nos casemos, sei que a farei feliz. — Ela sentiu seu mundo cambalear-se ao escutá-lo. Nunca teria esperado aquilo, sabia que ele não era crente.

— Mas você não é católico.

— Sou meio católico e meio viking, mas, sobretudo, quero

que você seja feliz. Se não for o que você quer, não o faremos, não acontece nada. Mas se quiser, o padre está disposto a nos casar agora mesmo, apesar de não ser sacerdote.

— Em circunstâncias extraordinárias posso...— começou o Prior, mas Rognvald conhecendo o muito que ele gostava de falar, voltou a perguntar.

— O que me diz? — Ela nunca havia pensado, nem chegara a imaginar como seriam suas bodas. Mas agora se dava conta de que adoraria que fosse assim, e com ele, é obvio.

— Sim, Rognvald, se você quiser! Isto é o que quero, embora você soubesse antes do que eu, — sorriu entre lágrimas, então, várias vozes começaram a cantar atrás deles.

Voltou-se, e todos os monges estavam cantando, ela nunca escutara nada parecido, pareciam anjos. Limpou as lágrimas, e o casamento começou.

****

Quando se despediram dos monges, foram dando um passeio até a casa e ela se sentia flutuar. Era mais feliz do que nunca pensara que pudesse ser, agora se dava conta de que, até este momento, não havia se sentido completa.

— Nilsa, — Ele sussurrou seu nome, aproximando-a para ele, quando fecharam a porta da casa, — eu gostaria que nos banhássemos juntos, na piscina de água quente que há sob o depósito. — Ela sorriu e foi até sua bolsa, para pegar roupa limpa, e da arca que havia na sala, pegou uma toalha para se secar. Correram para lá, rindo como duas crianças, ao chegar, despiram-se entre beijos e carícias. Rognvald se meteu de uma

vez, mas Nilsa o fez pouco a pouco, entre exclamações pelo calor da água.

Minutos depois, ela flutuava de barriga para cima, com os olhos fechados, quando se deparou com um muro de carne e ossos. Sem abrir os olhos, colocou a palma da mão em seu peito e o acariciou, ele gemeu, como fazia sempre que ela o tocava, ela abriu os olhos e ficou de pé. A água lhe chegava pelos ombros, com um sorriso se aproximou dele, e Rognvald a levantou em cima dele, como se fosse uma menina.

— Abra as pernas e agarre-se a mim, — ela o fez, e as cruzou atrás de suas costas, enquanto lhe enlaçava pela nuca.

— Amo você, — ela já não sentia vergonha junto a ele, parecia-lhe natural o que faziam, era a demonstração de quanto se amavam. Ele acariciou sua bochecha com o dorso de sua mão, enquanto seus olhos fulguravam.

— E eu a você Nilsa, e a protegerei, sempre, com minha vida. — Ele podia sentir seu medo agora, sua incerteza. De repente, os dois estavam se recordando da ameaça real que existia, por parte da família dela. Colou-a ainda mais a ele e baixou a cabeça para beijá-la.

Só queria lhe dar carinho e felicidade, tentaria que ele tivesse todos os momentos felizes que pudesse. Bebia de seus lábios, refletindo-se nas profundidades de seus olhos, suas mãos acariciavam seus duros mamilos. Ela gemia com a cabeça arremessada para trás. Rognvald queria que ela sempre se recordasse deste momento, no qual a amou até o limite de sua alma, e a adorou com seu corpo.

Dentro de alguns minutos suas respirações aumentaram,

o suor cobria seus rostos, e a luxúria os possuía completamente. A água quente fazia com que a excitação fosse maior, Rognvald gemeu sem poder suportar mais, e saiu da piscina, impulsionando-se com os músculos de seus fortes braços, e depois a ajudou a sair, fazendo que se deitasse sobre a toalha.

— Deite-se de lado. — Ajudou-a ficar como ele queria, e se deitou detrás dela, pego a seu corpo. Então ele baixou a mão para seu sexo, para comprovar se ela estava molhada, ela gemeu quando ele colocou dois dedos nela, alargando-a. Estava úmida e ardente, pronta para ele. Levantou a perna dela segurando-a pelo joelho, e se colocou em sua entrada. Nilsa se sentia exposta e se queixou,

— Rognvald, espere, não sei se…

— Sshhh, cale-se, confie em mim, amo você Nilsa, quero somente lhe agradar. — Então, empurrou profundamente e com força, dentro dela.

Nilsa sentiu o choque em sua entrada, o estiramento repentino de sua vagina. Esse sentimento eliminou o resto de pensamentos de sua cabeça, e todo o passado ou o futuro. Nesse momento, existiam somente eles dois, o calor inundou seu corpo, fazendo-a estremecer. Seus músculos se apertaram sobre o membro dele, e ele verteu uma declaração de amor em seu ouvido. Ela culminou na segunda investida, mas ele precisava de mais. Continuou bombeando com força e rapidamente, dentro dela.

Rognvald gemia, a cabeça desceu para seu pescoço, e o lambeu asperamente. Seu pênis mantinha um ritmo constante,

duro enquanto entrava e saía dela. Cada golpe a abria e a preenchia, deixando-o louca, certamente pela posição, sentia-se mais preenchida que nunca por ele. Sua cabeça sacudia e seu corpo estremecia. Então ele se moveu ainda mais rápido e mais duro. Com a mão fez com que ela girasse sua cabeça, para poder encher sua boca com a língua. Depois, já meio enlouquecido pela posse, voltou a lamber a união do pescoço com o ombro, aquele lugar que gostava especialmente, e a mordeu ali como gostava de fazer, mantendo a carne entre seus dentes alguns segundos, ela gemeu, voltando a gozar. Então, ele a soltou e lambeu a área para acalmar a ardência, sua língua continuou acariciando-a, ela se sentiu esgotada, e totalmente satisfeita.

Nilsa gritou quando notou que seu pênis ainda se alargava mais dentro dela, e ficava mais rígido. Agora a preenchia de tal maneira que a sensação beirava a dor, mas sua vagina traidora sugava o pênis, exigindo seu sêmen. Nilsa voltou a sentir um orgasmo tão forte que gritou, e arranhou o braço dele com o qual ele ainda lhe segurava a perna. Ele grunhia quando se enterrou nela pela última vez e sua semente explodiu em seu interior, o que prolongou o último orgasmo de Nilsa.

Ela tremia, sentia-se sem forças, enquanto Rognvald ofegava por respirar. Rios de suor corriam pelo corpo dos dois. Nilsa sentiu que poderia dormir naquele chão duro sem problemas.

— Não podemos ficar dormindo aqui? — Ela sussurrou, soltando um risinho.

— Sinto muito, mas não quero que Declan nos flagre pela

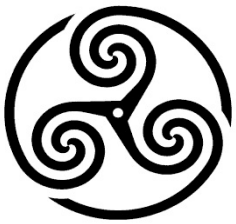
manhã, — ele também ria ao pensar naquilo, — vamos nos banhar iremos à cama, parece bom? — Ela assentiu e voltou a se meter na piscina assim que ele a deixou em liberdade. Agarrou o sabão para se lavar com movimentos lânguidos, sentia-se como em um sonho, e depois o passou a ele.

Finalmente, ela pegou a roupa suja, e Rognvald a levou para casa. Entraram, e depois de colocar os colchões para dormir, despiram-se em frente ao fogo, para poder estar o mais perto possível um do outro enquanto se abraçavam frente a frente.

— Nunca esperei encontrá-la. — Ele sacudiu sua cabeça estremecendo. — Apesar de todas as conversas de meu pai me dizendo que você existia, que todos tínhamos uma alma gêmea destinada, eu nunca acreditei.

Sustentou-a apertada contra seu corpo, passando-lhe seu calor, adorava o modo como ela repousava entre seus braços, tão confiante.

— Deve estar cansada, durma um pouco *min elskede*, — ela fechou os olhos sorrindo. Enquanto ele acariciava suas costas com suavidade, olhando o fogo, — eu velarei seu sono, — ele sussurrou em seu ouvido.



CAPÍTULO IX

Nilsa despertou com os golpes da porta, Rognvald a cobriu com o lençol, e ele colocou as calças e agarrou a espada, antes de abrir. Era Declan, e parecia muito nervoso. Ela se envolveu no lençol melhor, sem se atrever a sair da cama, já que estava nua, apesar do perto que estavam, não escutou o que diziam. Rognvald fechou a porta e se aproximou dela, fincou o joelho no chão e a agarrou pelos ombros.

— Nilsa, escute-me, o monastério está ardendo, necessitam ajuda, há vários monges que não puderam sair. Fique aqui meu amor, virei o quanto antes possível, — ela se jogou em seus braços, tinha um mau pressentimento.

— Rongvald! Prometa que voltará! — Ela não podia lhe pedir que não fosse ajudá-los, embora por um instante, aquelas palavras, fruto de seu egoísmo, rondaram seus lábios. Mas conseguiu engolir, embora lhe custasse fazê-lo. Ele a beijou, compreendendo seu medo.

— Voltarei, somente a morte me impediria não o fazer, depois de encontrá-la. É minha vida, você sabe, — observou as

lágrimas dela, com os olhos ardendo de paixão. — Devo ir meu amor, — ela soluçou com um lamento baixo, um gemido que saía diretamente das vísceras, ele voltou a beijá-la com desespero, depois se levantou e saiu correndo da casa.

Ela se levantou atrás dele, e ficou na entrada observando como as chamas tingiam a noite de laranja e vermelho, levou-se uma mão nos lábios incrédula e assustada, fechou a porta e começou a se vestir. Não ia entrar no monastério, mas estava segura de que podia ajudar aos que fossem saindo, certamente haveria alguém ferido. Vestiu-se rapidamente, e quando já prendeu o cabelo, para que não lhe atrapalhasse, bateram à porta. Abriu convencida de que era Declan, que precisava de alguma coisa. Mas se equivocava, era seu tio que a olhava com um sorriso que lhe revolveu o estômago. Ela retrocedeu pensando na espada de Rognvald, que fora deixada atrás da porta, como sempre, mas não lhe deu tempo de pegá-la, já que Horik a agarrou com crueldade, e um de seus primos a amordaçou para que não pudesse gritar. Depois, amarram-lhe as mãos, e a levaram arrastada, enquanto ela esperneava e gemia sob a mordaça, olhando para o fogo, constantemente, sentindo que seu coração se rompia, ao pensar que ele voltaria e não a encontraria.

Seu outro malvado primo estava cuidando dos cavalos, ela montou com seu tio. Antes de subi-la ao cavalo lhe deu duas bofetadas, que fizeram com que sua cabeça golpeasse, contra o flanco de um dos cavalos. Seus primos riam, já montados, observando a cena. Ela notou que seu nariz sangrava, mas não conseguiu se limpar, já que ele a segurava pelas mãos

amarradas.

— Isto é para que você vá se acostumando sobrinha, vai pagar por todos os incômodos que me causou. — Ele a colocou no cavalo e subia atrás.

E saíram a galope.

Ela se sentiu morrer quando horas depois, chegaram a um porto, e subiram em um navio, a tripulação zarpou, assim que os viu, não pareceu estranhar ver uma mulher prisioneira. Horik assinalou um canto para que ela ficasse ali, e lhe disse:

— Se eu sequer a ouvir respirar, eu a amarrarei e lhe darei a maior surra de sua vida com um chicote: é um castigo muito efetivo. Uma vez que você tenha provado, toda sua rebeldia lhe será tirada. — Inclinou-se para ela e lhe sussurrou, com a expressão mais maligna que ela já vira. — Mas antes eu a despirei, para que todos nós a vejamos bem.

Nilsa se deixou cair no chão, sentada, com as pernas recolhidas, enquanto todo seu corpo tremia. Respirava fundo para não voltar a chorar, não lhe serviria de nada. Precisava pensar, precisava tentar escapar.

Seu tio e seus primos estavam sentados na outra ponta do navio, rindo e falando entre eles, bebiam e comiam, enquanto os outros homens levavam o navio. Depois de várias horas, sentiu que seus olhos se fechavam um momento e, nesse instante, viu Rogvland diante dela, tão claramente como se ele estivesse ali de verdade. Parecia assustado, não podia ser, porque ele era o homem mais valente que ela conhecera, esticou a mão para ele e lhe acariciou a bochecha, ele beijou sua mão e lhe disse:

— Onde você está? — Ela não queria falar, queria que ele a abraçasse, precisava aconchegar-se contra ele, sentia-se sozinha e sentia muito medo. Mas ele a sacudiu voltando a insistir. — Nilsa, por favor, — suplicou — diga-me onde você está.

— Em um navio, com meu tio e meus primos. — O rosto do Rognvald prometeu a destruição total, para os que a tivessem afastado dele.

— Sabe para onde vai? Ao continente? — Ela negou com a cabeça, sem se dar conta de que ele não a entendia, precisava pensar no que queria dizer.

— Ouvi-os faz um momento, pensam que estou adormecida, levam-me a outra parte da ilha, onde está um conde…Sveinn, acredito que foi isso que falaram. Depois eu não sei o que farão. — De repente notou que ele já não estava com ela, em sua mente. Abriu os olhos angustiada, olhando a seu redor, observou os quatro marinheiros andrajosos que a olhavam com olhos de luxúria, e apertou mais forte suas pernas contra seu peito.

Teria sido um sonho, ou na realidade conseguira falar com ele?

****

Rognvald levantou a cabeça de repente, ele havia voltado para casa depois de ter estado todo o dia procurando-a. Estava sentado em frente ao fogo, olhando as chamas sem vê-las, enlouquecendo, tentando adivinhar onde poderiam tê-la levado. Acreditava ter adormecido, mas, em qualquer caso, havia

falado com ela, levantou-se de um salto, precisava chegar à casa de Gunnar, para lhe pedir que lhe emprestasse seu navio.

Gunnar se levantou de um salto, ao escutá-lo. Desde o dia anterior, sabia que algo grave havia acontecido, aproximou-se dele com o coração na mão ao ver seu aspecto. Parecia destroçado, e estava sozinho, seus piores temores se confirmaram.

— Gunnar! Eles a levaram, foram seu tio e seus primos! Assim que os encontrar, eu os matarei. Preciso que me empreste seu navio, eles a levaram para ver o conde Sveinn — Gunnar o olhou assombrado,

— Como pode saber tudo isso?

— Consegui falar com ela, era como se estivesse em sua mente, não sei como aconteceu. — Ele encolheu os ombros. Seu irmão viu as linhas que o sofrimento havia esculpido em seu rosto, e apertou os dentes, furioso. O resplendor azul voltou para seus olhos, e o igual vibrava nos de Rognvald.

— Sairemos em seguida, o navio sempre está preparado. Deixe-me falar com Lynnae e explicar, e escolherei alguns soldados para que nos acompanhem. — Rognvald se deixou cair na cadeira que estava mais próxima, e fechou os olhos para falar com Nilsa.

— Estou indo por você, aguente meu amor.

****

Não soube quantas horas demoraram a chegar, mas ainda era noite quando jogaram a âncora em uma praia, colocaram uma tábua de madeira, e desceram por ela, seu tio a empurrou

para que ela fosse adiante. Ainda continuava amarrada e amordaçada, e seus primos se adiantaram para recolher três cavalos de alguns homens que os esperavam. Quando ela e seu tio chegaram até eles, aquele que parecia o chefe, discutiu com ele.

— Atrasaram-se, — parecia muito zangado, Horik imitou o gesto, ele também não parecia contente.

— Tivemos que colocar fogo no monastério, ele não se afastava dela, imagino que deva ser muito boa na cama. — Nilsa manteve os olhos baixos, aterrorizada. O homem que havia falado desceu do cavalo olhando-a fixamente.

— Sim, ela se parece com a mãe. — Virou o rosto dela com uma mão cheia de sujeira, para ver seu perfil. — Vejo que tiveste que corrigi-la em seguida Horik. — Este encolheu os ombros, sem vontade de explicar como gostava de tratar às mulheres.

O desconhecido baixou sua mão, colocou-a sobre seu seio direito, e apertou até que ela gemeu de dor, então ele riu a gargalhadas.

— Quando conseguirem que lhes entreguem a herança, pode ser que eu fique com ela. Pedi-la-ei para Sveinn como pagamento por alguns serviços que ele me deve. — Ao ver seu sorriso, Nilsa sentiu que lhe revolvia o estômago, e desejou estar morta antes que chegasse esse dia.

Em dez minutos no máximo, chegaram a Hablingbo, lugar onde vivia o conde Sveinn, ela observou os guardas que guardavam o lugar. Rognvald, quando fosse buscá-la, e estava segura de que ele o faria, precisaria levar alguém que o

ajudasse, ele sozinho não poderia tirá-la dali.

A casa era muito grande, mas estava vazia, não havia mesas, nem tapetes, nem cortinas, ela sabia o que isso significava. Junto com sua babá ela vivera alguns anos com um senhor empobrecido, e a casa era assim.

Moveu um pouco os punhos, como fazia a cada certo tempo, já que adormeciam, e as sentia em carne viva. Também estava com o nariz inchado e uma das bochechas, por causa dos golpes de seu tio.

Levaram-na perante o chefe, que estava bebendo no salão da casa dele, em frente ao fogo. Ao vê-los, ele se levantou imediatamente, e se aproximou dela.

— Bem-vinda querida! — Também olhou o rosto dela, e depois enfrentou Horik, zangado. — Você é um idiota Horik! Não se deu conta que o tio dela precisa vê-la para que possamos cobrar a recompensa? E acredita que se ele a vir, não vai dizer nada sobre seu aspecto? — Horik, não estava acostumado a que ninguém lhe insultasse, e estava farto do conde, então tirou sua adaga para atacá-lo, mas em seguida havia dois soldados em cima dele, que lhe apontavam o peito com a espada. Seus filhos também estavam rodeados por soldados, com as espadas na mão. O conde ria até as gargalhadas.

— Definitivamente você é imbecil, sabendo como necessito desse dinheiro; sinceramente, você estava esperando que eu o repartisse com vocês? — Horik e seus filhos ao se darem conta da armadilha, tentaram puxar suas espadas, mas não serviu de nada, porque os soldados os atravessaram, sem prévio

aviso.

Nilsa não foi ferida, porque Sveinn puxou-a para tirá-la dali, e a levou tranquilamente junto do fogo, para que se sentasse em frente a ele. Sveinn também tomou assento, e continuou bebendo. Depois de esvaziar a taça, olhou os cadáveres que ficaram no chão, incluindo aquele com quem ele compartilhava a cama de vez em quando, e com um gesto despreocupado disse aos soldados que esperavam ordens:

— Joguem-nos pelo precipício. — Nilsa não quis olhar, mas lhe revolveu o estômago, sentiu que sufocava. Sveinn, com a adaga, cortou-lhe a mordaça e ela conseguiu respirar melhor. Seu captor, ao ver como estava seu rosto, e as comissuras dos lábios, amaldiçoou e ordenou:

— Que venha a curandeira! — Depois a olhou, era tão cínico que mostrou pena. — Sinto muito pelos machucados querida, mas preciso de seu dinheiro. O caso é que tenho gostos caros, e as terras já não produzem para pagá-los. Assim, você é a solução a meus problemas. Não se preocupe, não sofrerá, ao menos, acho que não muito. Sempre e quando for obediente e não me incomodar, embora até agora, você me causou muitos problemas. Para conseguir saber onde você estava escondida, precisei deixar meu melhor espião nos subúrbios do castelo de Gunnar para que o seguisse a qualquer lugar que ele fosse. — Sorriu divertido. — O próprio Gunnar nos conduziu até você, quando foi visitá-la junto com a mulher dele! — Ao ver que ela não achava graça ele trocou novamente de humor.

— O mais conveniente será que nos casemos, assim não

haverá dúvidas a quem pertencerá seu dote, — ele suspirou — casualmente, fiquei viúvo recentemente. — Sorriu — minha pobre mulher era muito torpe. — Ele sorriu sarcástico.

Uma anciã com aspecto de cansada e com uma bolsa de tecido, onde se imaginava que levaria os remédios, apareceu no salão.

— Agora irá com a curandeira a seu aposento, e permanecerá lá até o casamento. Assim que o padre chegar ele nos casará, precisa ser pelo rito católico, porque seu tio o rei é católico.

— Não posso me casar, já estou casada. — Ela sussurrou. Sveinn se levantou para responder.

— Espero que isso seja mentira, porque se não for, terei que enviar meus soldados para matar seu marido, para depois poder continuar com as bodas. Continuará dizendo que está casada? — Ela negou com a cabeça, enquanto as lágrimas percorriam seu rosto, seu cruel inimigo voltou a sorrir.

— Eu imaginava, retire-se querida. — Ela se voltou para seguir à anciã.

A mulher a atendeu o melhor que conseguiu, e ela se deixou atender, sem se queixar, não se importava com o que lhe fizessem. De repente, ficou consciente da dificuldade de que seu marido a resgatasse, sentia as vísceras congeladas, somente de pensar que teria que se casar com o monstro que havia no salão.

****

Rognvald estava na proa do navio, inclinado à frente,

como se assim pudesse conseguir que ele deslizasse mais rápido. Suas fortes mãos estavam agarradas à amurada, com tal força, que parecia querer arrancá-la. Seu olhar não deixava o horizonte, nada era capaz de distraí-lo. Deviam chegar a tempo, essa frase era a única coisa que ele mantinha em sua cabeça.

Gunnar se aproximou dele, com um par de adagas na mão, seu irmão levava uma espada, mas não havia pego nenhuma arma a mais, não era capaz de pensar com clareza.

— Tome, guarde isso. — Rognvald as agarrou sem responder e as colocou sob seu cinturão, uma em cada lado. — Conseguiu voltar a falar com ela?

— Não, mas noto sua aflição, aconteceu algo grave, temos que chegar logo, vai acontecer alguma coisa. — Moveu a cabeça, pesaroso. — Não posso…

— Calma. — Seu irmão, como costumava fazer quando queria apoiá-lo, colocou a mão em seu ombro, — chegaremos a tempo, o vento é muito bom, já deve faltar pouco. Mas não se lance imprudentemente quando chegarmos. Por favor Rognvald, leve em conta que haverá muitos soldados.

Eles levavam apenas vinte soldados, não se atrevera a deixar Lynnae com menos amparo. Mas eles dois valiam por vários, sobretudo se se transformassem.

— É possível que devamos fazê-lo, — Rognvald havia lido o pensamento dele, já o fizera várias vezes desde que chegara. Gunnar acreditava que, com seu acasalamento, os poderes dele estavam aumentados.

— Veremos. Se for necessário o faremos, se não,

lutaremos como humanos.

****

Nilsa havia tentado falar com a anciã que lhe estava curando o rosto, mas era impossível, ela não respondia a nada do que lhe perguntava. Desesperada, decidiu tentar por uma última vez.

— Por favor, ajude-me, o conde pretende se casar comigo. — A mulher a olhou fixamente, e um olhar de compaixão apareceu em seus olhos.

— Então eu sinto por você, mas não há nada que eu possa fazer, — ela encolheu os ombros — meu filho e meus netos também trabalham aqui, eu nunca arriscaria suas vidas.

Nilsa a entendeu, e parou de tentar que ela a escutasse.

— Não toque no rosto, eu coloquei um unguento, arderá um pouco durante alguns minutos, mas a ajudará com a dor, — olhou-a de novo ao sair. Quando abriu a porta, Nilsa viu dois guardas posicionados para que ela não pudesse sair.

Fechou os olhos pensando em Rognvald, mas não havia tornado a falar com ele.

Voltou a tentar, sem conseguir nada.

Ficou sentada na cadeira, às escuras, já que não havia janelas no aposento, com as mãos enlaçadas, rezando como nunca em sua vida. Pedindo que ele chegasse a tempo.

Não soube quanto tempo esteve na escuridão, mas depois, um dos soldados abriu a porta e lhe disse:

— O conde pede que desça. — Ela se levantou cambaleante, o cansaço e o terror absoluto que sentia, e a dor

das mãos e no rosto fazia com que se sentisse muito fraca. Piscou várias vezes, tentando ver com mais clareza.

O soldado a segurou nas escadas, porque esteve a ponto de cair, e a desceu agarrada pelo braço. No salão, disse a seu chefe:

— Conde eu não sei o que aconteceu, mas ela quase caiu duas vezes. — Sveinn, que falava com um homem com uma túnica, aproximou-se dela com o cenho franzido. Observou a palidez da moça, o que ressaltava ainda mais os golpes que estavam colorindo seu rosto em diversos tons de arroxeado e negro. Seus pulsos estavam em carne viva, e ela não parecia capaz de se sustentar em pé sem ajuda. Agarrou-a pelo braço e a levou até a poltrona que havia junto ao fogo, o sacerdote estava atônito ao ver o estado da moça.

— Conde Sveinn, não acredito que...— Sveinn se voltou olhando ao religioso, aproximou-se o suficiente para que somente ele o escutasse.

— Ela é minha responsabilidade, lembre-se que você tem uma carta do rei, seu tio, autorizando o casamento com seu tutor. — O sacerdote assentiu; aquilo era verdade.

Sveinn se felicitou por ter pensado em falsificar aquela carta, para evitar problemas com o padre.

— Comecemos então, já que temos a noiva aqui.

Nilsa se encontrava dentro de si mesma, não se importava com o que acontecesse a seu redor, nesse momento, não via nem escutava nada do que acontecia a seu lado. Por isso não começou a tremer, quando Sveinn a levantou para colocá-la junto a ele, em frente ao padre, e este abriu a cerimônia.

****

Rognvald nunca galopara tão depressa em sua vida, ele descera do cavalo quase sem lhe dar tempo de que parasse, ao ver a casa do conde. Escondeu-se atrás de um arvoredo próximo, e escutou como outros foram chegando. Esperou que Gunnar estivesse junto a ele, e lhe disse ao ouvido:

— Há muitos guardas na entrada, acredito que o melhor seria que a metade de nós ataque pela outra entrada, e quando eles estiverem distraídos, o resto entra por aqui, — assinalou o portão principal.

— De acordo, eu vou com os de trás. — Rognvald assentiu e esperou enquanto davam uma volta ampla atrás do enorme arvoredo, para atacar a casa do outro ponto. Esperou impaciente, até que escutou ruído de luta, seu irmão mandara que dois arqueiros disparassem nos guardas da parte traseira. Os soldados que havia em frente saíram correndo para ajudar a seus companheiros, deixando livre o caminho. Nesse momento, deu a ordem e entraram correndo, com as espadas desembainhadas, em silêncio, matando a todos o que encontravam no caminho.

O sacerdote se calou, ao escutar o inconfundível ruído de armas, Sveinn franziu o cenho, e soltou Nilsa que cambaleou de novo, e tentou clarear sua mente, sair da bruma que a envolvia. Então ela o viu, ele viera por ela. Ele a encontrara. Retirou-se até a parede para não atrapalhar, já que sabia que ela era seu ponto fraco.

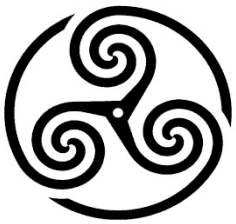
Rognvald rugia como um animal furioso, ele a vira ao entrar, e sentiu desejo de destroçar a todos os que a tivessem

ferido. Lutou com os dois soldados que estavam no salão, e que não foram oponentes para ele. Então, correu para Sveinn, que se aproximava de Nilsa, certamente para usá-la como escudo, mas ele se plantou de um salto diante ele, deixando Nilsa às suas costas.

— Maldito, vai pagar pelo que lhe fez, vou cobrar esses golpes com sua vida! — Rugiu. Sveinn que possuía a desculpa de que ele não a golpeara, a ponto de sair de sua boca, foi incapaz de falar, porque não lhe deu tempo. Com um par de golpes, foi atingido, sendo ferindo no ombro no próximo ataque. Rognvald queria continuar assim, fazendo-o sofrer tudo o que pudesse, mas escutou a voz de Gunnar que lhe disse:

— Irmão, acabe com isto, pense nela. — Então, o próximo golpe foi direto ao coração. O malvado conde morreu naquele instante, incrédulo, ao ver que um dos maiores mitos de seu tempo, e no qual nunca havia acreditado, acabava de lhe atravessar com a espada.

Antes que ele tivesse caído, Rognvald abraçava sua mulher, com cuidado, temendo machucá-la. Ela soluçava e assim estava fazendo desde que o vira. Depois, agarrou-a nos braços, e a tirou dali.



EPÍLOGO

Rognvald observava sua esposa, que voltava do monastério, acompanhada por Lynnae. Foram ver Declan, e traziam uma cesta cheia de verduras, como ele havia imaginado. O jovem monge queria comer carne, e sabia como consegui-la. Levantou-se para ajudá-la, olhando seu rosto ao caminhar para ela, felizmente para sua paz interior, os golpes estavam curados, e já não ficavam nem rastro deles. As duas mulheres ficaram paradas esperando-o, ele se inclinou para lhe dar um beijo rápido nos lábios, e pegou a cesta, levando-a à casa. Lynnae olhava para sua cunhada entusiasmada.

— Que contente estou por você Nilsa! Não poderia ter encontrado um homem melhor, embora tivesse querido, e pensar que eu pretendia convencê-la para que aceitasse se casar com Oleg! — Nilsa negou com a cabeça.

— Depois de conhecer meu “urso”, não conseguiria me casar com nenhum outro, — nesse momento, seu marido a repreendeu, de seu assento em frente a seu irmão.

— Nem pense! — Ele lhe piscou e voltou sua atenção à

partida. Gunnar fez um gesto de fingida desaprovação, porque Rognvald saíra correndo para que sua mulher não carregasse a cesta.

Haviam colocado a mesa do salão no campo, junto ao bosque, com um par de cadeiras, para aproveitar o sol. Enquanto preparavam o tabuleiro e as peças, que Lynnae esculpira como presente à casa de Rognvald e Nilsa, Gunnar perguntou:

— O rei Wartislaw já entrou em contato com vocês? — Rognvald assentiu.

— Quer que a gente vá o quanto antes na corte, é obvio que quem ele quer ver é a minha mulher. — Riu até as gargalhadas. — Respondemos que, assim que esteja em andamento o negócio da cervejaria, iremos vê-lo, — levantou o olhar para Gunnar, — estão convidados se quiserem ir, ele quer conhecer todos.

— É possível que iremos com vocês, imagino que serão somente alguns dias.

— É claro, avisarei vocês então. Soube quem foi o espião que seguiu vocês até aqui? — Gunnar encolheu os ombros.

— Não tenho nem ideia, não acredito que voltemos a saber dele. Na verdade, Felipe me ofereceu o título de conde.

— E vai aceitar? — Gunnar o olhou fixamente,

— Não sei, é possível, acredito que poderia ajudar às pessoas da ilha. Estão há muito tempo sem que ninguém se preocupe com eles.

— Rognvald! — Nilsa chamava aos gritos da casa, levantando o rosto para que ela visse que a escutava, — em

seguida estará pronta a comida.

— Já a ouviu, — disse Gunnar, e sorriu sarcástico. — E pensávamos que fosse muda! Então a jovem Nilsa o domou completamente, — ele brincou, mas Rognvald o conhecia muito bem, por isso sorriu enquanto movia o cavalo.

— Sim, reconheço, estou total e absolutamente dominado por ela, — escutou ruídos de pegadas, e viu os monges que saíam da cervejaria. Estava funcionando a poucos dias, mas acreditava que tudo ia muito bem.

— Vejo que tem tudo muito organizado, — seu irmão queria lhe comer a torre, mas ele não estava distraído o suficiente, — eu não teria sido capaz de fazer tudo o que você tem feito aqui, e em tão pouco tempo. — Sentia-se orgulhoso, — cada vez me alegro mais de ter lhe vendido às terras.

— E eu também, mas tenho ajuda. Declan resultou ser muito eficiente controlando tudo. — Moveu sua torre — tanto que o nomeei encarregado, — sorriu com picardia, Gunnar ao vê-lo, franziu o cenho e olhou o tabuleiro, quando se deu conta, amaldiçoou em voz alta.

— Cheque mate. — Gunnar não conseguiu evitar sorrir, ao ver a felicidade no rosto de seu irmão.

Levantaram-se, e se encaminharam para casa, deixando o tabuleiro e as peças brilhando sob o sol.

Notas

[←1]

Berserker — Guerreiros nórdicos ferozes, relacionados ao culto do deus Odin. Eles despertavam uma fúria incontrolável antes de qualquer batalha.

[←2]

Ordem de Cister - ordem religiosa monástica católica beneditina reformada onde os monges vestem-se com batinas brancas.

[←3]

PING- Nome do conselho que em reunião julga os delinquentes.